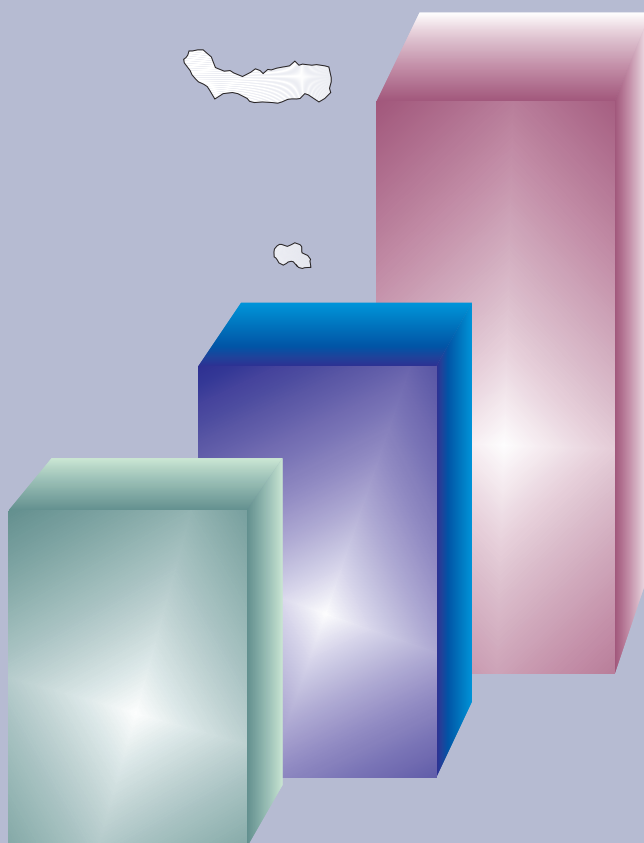
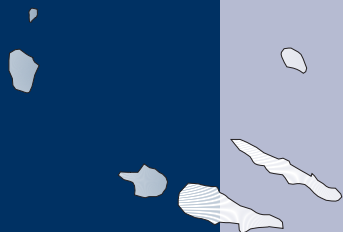




REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES  
Vice-Presidência do Governo, Emprego e Competitividade Empresarial  
Direção Regional do Planeamento e Fundos Estruturais

# Situação Socioeconómica 2017



dezembro

12/2018



## ÍNDICE

	Pág.
Introdução .....	3
0. Contas Regionais.....	5
1. População .....	9
2. Mercado de Trabalho .....	13
3. Preços no Consumidor .....	17
4. Moeda e Crédito.....	19
5. Finanças Públicas .....	23
6. Agricultura .....	27
7. Pescas.....	33
8. Energia.....	37
9. Comércio com o Estrangeiro .....	43
10. Turismo .....	47
11. Transportes .....	53
12. Educação .....	57
13. Desporto.....	61
14. Cultura .....	63
15. Saúde.....	67
16. Segurança Social .....	71
17. Sociedade da Informação .....	75



## INTRODUÇÃO

O Presente documento visa proporcionar uma panorâmica da realidade económica e social da Região Autónoma dos Açores.

Para o efeito apresenta-se informação quantificada relevante e disponível e, sempre que possível, a análise da evolução recente dos diversos domínios e sectores tratados.

Esta publicação está disponível no site:

[www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/](http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/vp-drpfe/)

DRPFE, dezembro de 2018



## 0. CONTAS REGIONAIS

Os dados das Contas Regionais publicadas pelo INE em dezembro de 2018, são consistentes com os dos apuramentos para as Contas Nacionais anuais e atualizados em funo das dinâmicas de crescimento regional, tendo por base métodos para decomposio territorial da taxa de crescimento do VAB.

Assim, os dados mais recentes revelam um valor preliminar de 4.128 milhões de euros para o PIB na Região Autónoma dos Açores em 2017, representando um crescimento nominal  taxa média anual de 4,2% e uma variao real de 2,4%.

O valor global do PIB permitiu uma riqueza média por habitante de 16,9 mil euros, que em relao ao ano anterior representa um crescimento nominal de 5,6%.

A evoluo da produo e da riqueza média na Região Autónoma dos Açores tem vindo a assegurar posicionamentos significativos no contexto de outras regiões europeias em geral e das do próprio país em particular. Nos últimos anos o indicador do PIB per capita tem-se situado em relao  UE28 e ao país, respetivamente, na casa dos 68 a 69% e de 89 a 90%.

### Produto Interno Bruto – (Base 2011), a preços de mercado

Unid.: Milhes de Euros

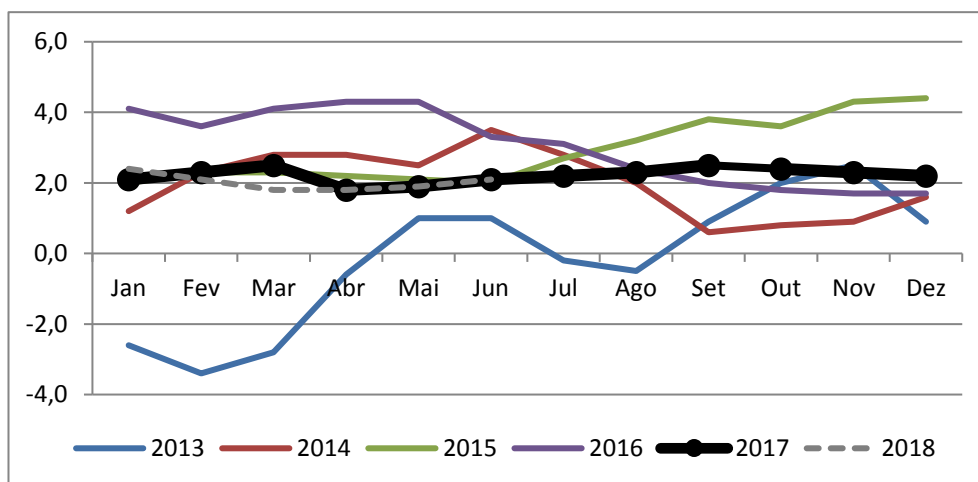
	<b>Açores</b>	<b>PIB per capita</b> (mil euros)	<b>PIB per capita</b> (Pas=100)	<b>PIB per capita PPC</b> (UE28=100)
2012	3 610	14,6	91,1	68,4
2013	3 663	14,8	90,9	69,5
2014	3 706	15,0	90,2	69,0
2015	3 830	15,6	89,7	68,7
2016	3962	16,0	89,2	69,0
2017 Po	4128	16,9	89,2	68,4

Po = Resultados preliminares.

Fonte: INE, Contas Regionais (base 2011)

O Indicador da Atividade Econmica – IAE calculado pelo SREA mostra uma distribuo intra-anual para 2017 de tipo linear e próxima do valor de crescimento médio anual do PIB, medido em termos reais e já referido anteriormente.

### Indicador de Atividade Económica (IAE)



O Valor mais recente do VAB, de 3.577,3 milhões de euros em 2017, continua a integrar-se numa linha de crescimento que aponta no sentido da retoma económica.

Para esta evolução também continuou a destacar-se o contributo do ramo do Comércio, Transportes, Alojamento e Restauração pela intensidade registada e por efeitos decorrentes do seu peso entre as diversas atividades económicas.

Assinale-se os crescimentos positivos nos sectores primário e secundário, particularmente o crescimento superior à média que se registou no ramo de Agricultura e Pescas.

O ramo do Imobiliário também prosseguiu o seu crescimento na linha de regularidade que já vinha revelando, sendo no último ano acompanhado pelo crescimento positivo no ramo da Construção.



**VAB por Ramos de Atividades Econmicas**

Preços Correntes

Unid.: 10<sup>6</sup> euros

	Total	Agricultura e Pesca	Industrias Água Saneamento	Construo	Comcio Transportes Alojamento Restauraco	Informaco Comunicao	Finanças Seguros	Imobiliário	Técnico Científico Apoio Adm.	Administrao Serviços Pb	Outros Serviços
2002	2 510,5	254,4	179,3	213,4	598,1	57,3	91,8	208,5	83,9	762,6	61,1
2003	2 607,8	256,2	190,7	203,0	630,6	60,2	104,1	226,0	91,9	784,0	61,1
2004	2708,4	264,6	200,6	216,2	661,2	59,5	100,5	237,1	96,8	812,4	59,6
2005	2 830,4	265,7	213,3	210,6	695,0	63,3	109,6	258,6	104,8	845,6	63,9
2006	2 962,2	260,8	229,4	215,8	732,0	68,3	133,5	271,2	108,4	871,9	71,1
2007	3 124,6	239,1	253,9	239,5	762,0	71,0	140,1	292,7	116,7	927,1	82,7
2008	3 279,4	264,1	257,9	252,0	785,2	74,3	160,0	324,0	123,2	942,8	95,9
2009	3 304,7	261,8	262,3	224,5	803,8	65,9	139,5	342,0	114,9	991,3	98,7
2010	3 374,5	273,1	280,8	204,3	830,3	61,4	125,7	372,6	120,7	1 004,52	101,1
2011	3 291,7	275,0	272,8	189,5	801,8	66,9	118,2	374,1	117,7	970,8	104,9
2012	3 159,1	297,9	271,1	154,5	779,1	60,2	109,6	393,0	108,9	880,4	104,0
2013	3 221,7	299,7	291,0	131,5	782,3	54,7	87,9	419,6	111,4	937,9	105,6
2014	3 240,8	317,8	277,1	123,0	763,1	54,2	97,2	429,5	114,2	955,1	109,6
2015	3 340,0	316,4	288,9	124,5	787,5	52,8	103,2	436,5	118,7	993,1	118,3
2016	3 445,9	306,1	288,9	124,4	841,4	55,0	97,4	450,1	132,1	1020,9	121,5
2017 Po	3 577,3	322,0	293,6	132,7	904,9	56,6	93,2	460,4	142,2	1 046,6	126,1

Po: Dados Provisórios.

Fonte: INE. Contas Regional (base 2011).

Os últimos dados disponíveis para a FBCF referem-se a um ano antes aos já disponíveis para a produo – VAB.

Consequentemente, os últimos dados disponíveis, para o ano de 2016, mostram um valor praticamente estabilizado numa ordem de grandeza de 540 milhões de euros.

Neste contexto, destaca-se o investimento no ramo de Administrao e Serviços Públicos pela dimensão que ocupa e pela funo que poderá desempenhar na gestão econmica da conjuntura e do crescimento.

Já os casos nos ramos da Agricultura e Pescas e, também no de Imobiliário, destacam-se pelos sinais positivos em termos de intensidade de variao média anual.

**FBCF – Formação Bruta de Capital Fixo**

Unid.: milhões de Euros

	Total	Agricultura e Pesca	Indústrias Água Saneamento	Construção	Comércio Transportes Alojamento Restauração	Informação Comunicação	Finanças Seguros	Imobiliário	Técnico Científico Apoio Adm.	Administração Serviços Púb	Outros Serviços
2002	995,3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2003	1 123,1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2004	979,2	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2005	1 242,3	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2006	850,5	17,9	116,3	34,6	253,1	24,7	33,3	139,9	29,4	193,1	8,2
2007	1 055,8	33,7	116,2	52,4	415,8	27,9	19,7	150,8	46,2	180,2	13,0
2008	1 027,5	20,2	119,4	28,4	373,1	52,3	31,0	128,6	23,2	230,6	20,9
2009	968,3	25,1	176,6	19,0	184,3	49,3	20,3	124,5	73,2	279,6	16,3
2010	868,6	39,9	145,6	16,1	200,9	50,3	11,1	98,4	74,1	220,8	11,5
2011	689,6	40,3	107,5	8,1	154,3	35,9	6,9	112,4	29,3	180,5	14,5
2012	634,3	36,2	109,9	17,1	141,9	29,7	4,3	82,5	13,1	193,4	6,3
2013	541,1	33,7	56,1	10,4	106,1	28,1	6,4	73,0	16,7	204,7	5,9
2014	494,2	40,3	70,0	12,1	86,4	30,6	0,8	80,8	26,7	128,0	18,3
2015	542,8	46,3	74,0	18,5	117,5	27,1	-1,5	77,8	43,3	121,6	18,1
2016	541,0	48,7	67,3	17,7	108,3	30,3	0,7	93,9	26,4	127,7	20,0

Fonte: INE. Contas Regional (base 2011).

Os últimos dados sobre rendimentos das famílias registam um total de 2953,0 milhões de euros para o Rendimento Primário Bruto (basicamente remunerações dos empregados mais excedentes de exploração de empresas e sociedades) em 2016.

Já sobre o Rendimento Disponível Bruto (basicamente líquido de impostos e transferências) não estão publicados dados para aquele mesmo ano, mas o histórico mostra pequenas diferenças de variação, sendo que é frequente observarem-se mais variações de sinal positivo.

**Rendimentos**

Unidade: Milhões de euros

	Rendimento Primário Bruto	Rendimento Disponível Bruto
2005	2 564,4	2 555,7
2006	2 717,2	2 731,7
2007	2 776,3	2 810,7
2008	2 950,6	2 991,9
2009	2 944,4	2 990,6
2010	2 961,3	3 023,3
2011	2 862,1	2 942,3
2012	2 724,7	2 774,5
2013	2 774,5	2 776,9
2014	2 786,1	2 790,7
2015	2 855,0	2 905,0
2016	2953,0	-

Fontes: INE. Contas Regionais (base 2011).

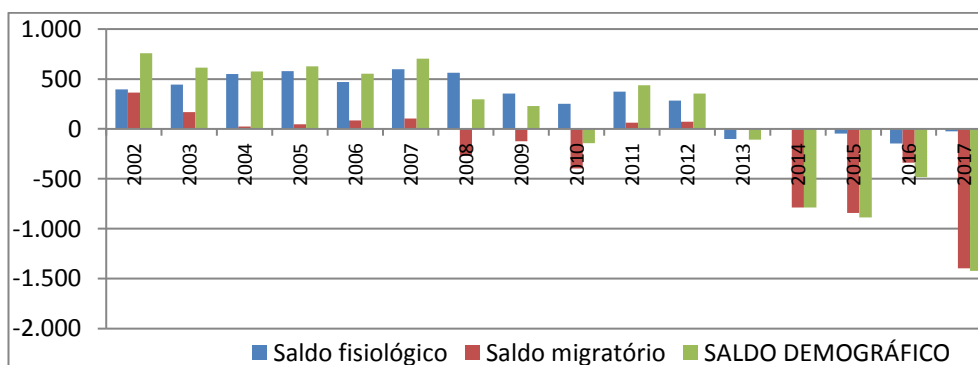
## 1. POPULAO

A populao residente na Região Autónoma dos Açores em 2017, e segundo a estimativa mais recente editada pelo INE, correspondeu a um total de na ordem de 244 mil pessoas.

Este número traduz um decréscimo de cerca 0,6% em relao ao ano anterior, decorrendo de variaoes em ambos os saldos demográficos (fisiológico e migratório).

Todavia, ficou a dever-se ao saldo de movimentos migratórios, tendo-se o saldo fisiológico situado a um nível menos expressivo e mesmo inferior ao do ano anterior.

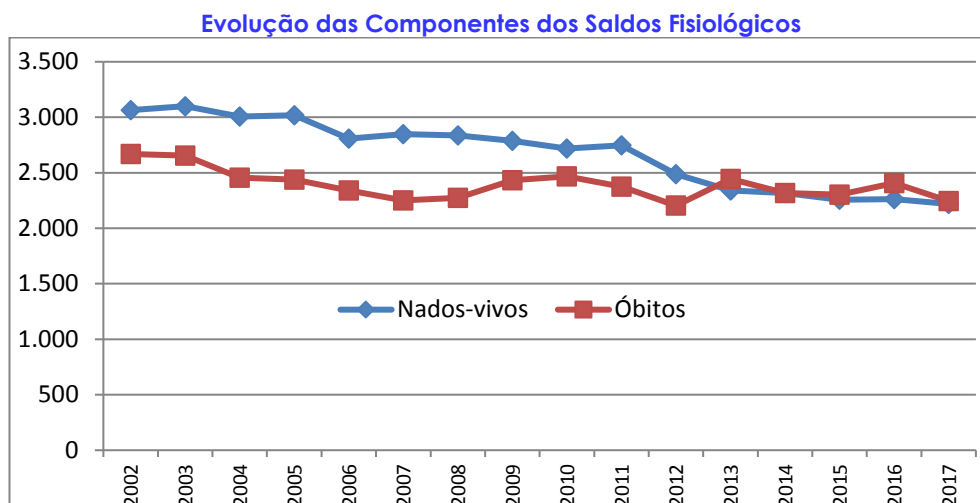
**Decomposio da Evoluo da Populao**



De facto, o saldo fisiológico calculado entre o número de 2219 nados vivos e o de 2244 óbitos, corresponde a uma diferença na ordem de dezenas, concretamente de menos 25 pessoas residentes.

Já para o saldo migratório estima-se um volume na casa do milhar, concretamente de 1421 pessoas residentes.

Sendo assim, estes dados mostram a importância dos movimentos migratórios na evoluo do volume de populao residente, enquanto os movimentos fisiológicos se revelam sem dimensão para condicionar a evoluo geral e, por outro lado, a um nível relativamente mais estável.



Os valores para a mortalidade e para a natalidade nos Açores apresentam níveis que permitem saldos fisiológicos relativamente mais favoráveis, mas nos últimos anos têm-se registado por vezes saldos negativos.

#### Mortalidade e Natalidade

	‰	
	Açores	Portugal
Tx. bruta de mortalidade .....	9,2	10,7
Tx. bruta de natalidade .....	9,1	8,4

Fonte: INE, SREA.

Em 2017 a mortalidade infantil registou a taxa de 2,3 ‰, resultando das componentes neonatal e pós-neonatal de, respetivamente, 1,4 ‰ e 0,9 ‰.

#### Mortalidade Infantil

	‰		
	2015	2016	2017
Tx. de mortalidade infantil.....	4,4	1,8	2,3
Tx. neonatal .....	2,7	0,9	1,4
Tx pós-neonatal.....	1,7	0,9	0,9

Fonte: INE, SREA.

A distribuico da populao segundo os grandes grupos da estrutura etária prosseguiu em 2017 na linha de tendência dos últimos anos.

De facto, prosseguiu a reduo da representatividade da populao jovem com menos de 15 anos face às populao dos outros dois grandes grupos, particularmente o de populao com mais de 64 anos.

### Estrutura Etária da Populao

	%								
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Populao com menos 15 anos .....	18,6	18,3	17,9	17,5	17,2	16,8	16,4	16,2	16,0
Populao dos 15-64 anos .....	69,1	69,2	69,2	69,5	69,8	69,9	70,0	70,0	70,0
Populao com mais de 64 anos .....	12,3	12,5	12,9	13,0	13,0	13,2	13,5	13,8	14,0

Fonte: INE.

O total de 921 casamentos em 2017  comparável ao registado no ano anterior, voltando a situar-se a um nível superior ao de alguns anos atrás, particularmente entre os anos de 2011 e 2014, quando se foram registando decréscimos anuais de forma sucessiva.

### Nupcialidade

	Unid.: N								
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Casamentos	1 207	1 214	1 023	944	855	803	903	922	921
Divórcios	787	743	768	728	685	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.
Separaoes	8	3	9	6	7	n.d.	n.d.	n.d.	n.d.

nd : não disponível.

Fonte: SREA.



## 2. MERCADO DE TRABALHO

### Emprego

A população empregada atingiu um volume médio de 111 246 pessoas durante o ano de 2017, incorporando um acréscimo de cerca de 3 900 pessoas, que corresponde a uma taxa média de 3,6% em relação ao ano anterior.

Esta evolução concretizou-se sobretudo através do reingresso no mercado de trabalho de população desempregada depois da crise de 2008 e acentuada em 2011.

Aquela incorporação de mais 3 900 elementos no volume total de emprego repartiu-se grosso modo entre 2/3 de desempregados e 1/3 de inativos a entrarem pela primeira vez no mercado de trabalho, correspondendo a um padrão que se insere na lógica de recuperação do ciclo económico atual.

Em contextos anteriores o crescimento do emprego recebia contributos mais significativos de inativos e, até de movimentos migratórios.

### Condição da População Perante o Trabalho

	Nº Indivíduos					
	2012	2013	2014	2015	2016	2017
População total .....	249 463	246 352	247 535	247 358	244 785	244 638
População Ativa .....	120 640	119 838	121 583	122 315	120 797	122 210
Empregada.....	102 221	99 459	101 768	106 715	107 345	111 246
Desempregada.....	18 419	20 380	19 815	15 600	13 452	10 964
Tx. de Atividade (%).....	48,9	48,6	49,1	49,4	49,3	50,0
Tx. de Atividade Feminina (%).	40,5	41,6	43,1	43,4	44,2	44,9
Tx. de Desemprego (%).....	15,3	17,0	16,3	12,8	11,1	9,0

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

A evolução do volume de emprego abrangeu a generalidade das atividades, tendo-se registado acréscimos absolutos nos diversos grupos, mesmo em atividades do setor primário associado frequentemente a variações de tendência moderada e decrescente, mas que em 2017

reforçou a sua posição relativa, atingindo uma representação 10,7% do total da população ativa empregada.

O emprego no setor secundário registou um crescimento ligeiramente maior que a média geral e por efeito de atividades de construção que vêm revelando variações positivas depois do mínimo registado em 2013.

O setor terciário no seu volume agregado registou uma variação inferior à média do total de volume de emprego. Todavia, pela dimensão e abrangência/diversidade de ramos de atividade que inclui, continuou a desempenhar um papel de estabilidade e moderação a par de outro de incentivador e de crescimento.

Efetivamente, se há ramos a reconhecerem-se mais pela regularidade e volume de emprego, alguns destacam-se mais pela variação e intensidade de crescimento.

#### População Ativa Empregada por Setores de Atividade

	Indivíduos, nº			%		
	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Sector Primário .....	12 137	10253	11910	11,4	9,6	10,7
Sector Secundário ....	16 522	16454	17 075	15,5	15,3	15,4
Sector Terciário.....	78 057	80 638	82 261	73,1	75,1	73,9
Total .....	106 716	107 345	111 246	100,0	100,0	100,0

Fonte: SREA, Inquérito ao Emprego.

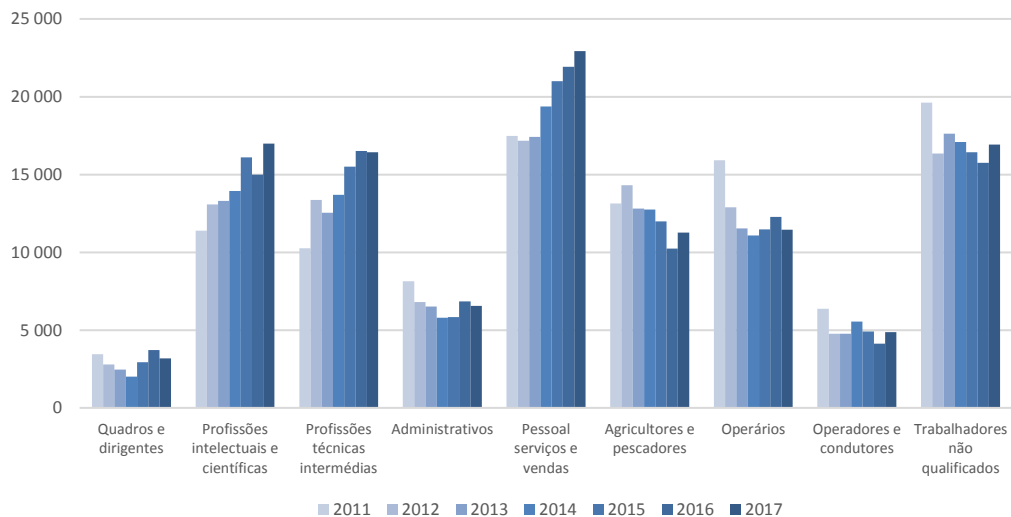
No acréscimo de emprego segundo as profissões evidenciam-se variações positivas, mesmo entre situações com tendências decrescentes como os casos de trabalhadores não qualificados, operadores e condutores e, também, agricultores e pescadores.

Como variação positiva já alinhada dentro de tendência crescente destaca-se o caso de pessoal de serviços e vendas como o mais evidente.

Já outras profissões revelaram maior estabilidade ou mesmo decréscimo de volume de emprego, como os casos de administrativos e profissões técnicas intermédias.



### População Ativa Empregada, por Profissão





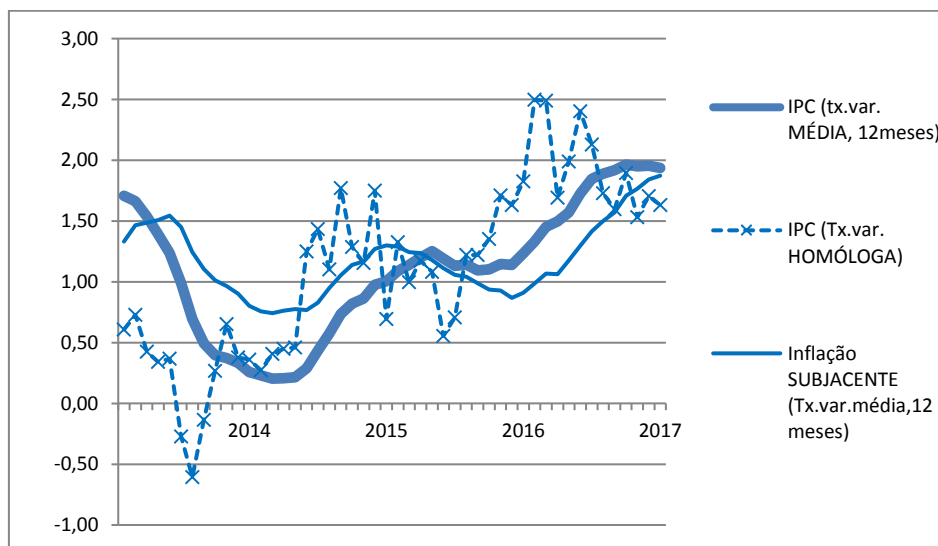
### 3. PREÇOS NO CONSUMIDOR

A inflaco medida pela taxa de variao média do Índice de Preços no Consumidor aumentou significativamente em 2017, atingindo o valor de 1,9%, depois de já ter tido um aumento de 1,2% no ano anterior, o que ao mesmo tempo se integra na linha de crescimento a partir de 2014.

Com esta evoluo a inflaco aproximou-se do nível de 2%, mas, entretanto, começou a revelar sinais de desacelerao com a distribuo intra-anual a registar taxas de variao homóloga no segundo semestre tendencialmente inferiores às do primeiro.

Os preços de energia e de produtos alimentares não-transformados também condicionaram a evoluo geral, mas as suas variaoes já se encontram relativamente mais próximas daquelas de evoluo geral, perdendo o impacto que atingiram em momentos de conjuntura de anos ainda recentes.

**Evoluo intra-anual do IPC, base 2012**  
(taxas de variao)



Observando a variao de preços segundo as diversas classes destaca-se a de vestuário e calçado e, também, a de transportes pelo crescimento superior ao da mdia, ao mesmo tempo que as respetivas contribuoes se alinharam com o sentido de evoluo das outras classes, deixando de situar-se nos níveis inferiores a zero de anos anteriores.

Já as variações em classes como a de lazer, recreação e cultura e, particularmente, a de hotéis, cafs e restaurantes indiciam efeitos decorrentes da intensificação de atividades turísticas.

### Variacão e Contribuio por Classes de Despesa

Unidade: %

Classes	Variacão de preços		Ponderadores (peso)	Contribuio	
	2016	2017		2016	2017
1. Alimentares e Bebidas não Alcoólicas....	1,7	1,1	27,6	0,5	0,3
2. Bebidas Alcoólicas e Tabaco .....	4,4	8,6	5,2	0,2	0,4
3. Vestuário e Calçado .....	-2,3	0,9	6,1	-0,1	0,1
4. Habitaco., gua, Eletricidade, Gás e Outros Combustíveis .....	1,2	0,8	8,4	0,1	0,1
5. Acessórios, Equip. Domst. e Manut. Corrente da Habitaco .....	2,0	1,3	5,9	0,1	0,1
6. Saúde .....	0,4	0,6	8,6	0,0	0,0
7. Transportes .....	-1,1	3,0	13,7	-0,1	0,4
8. Comunicações.....	2,9	2,1	4,7	0,1	0,1
9. Lazer, Recreação e Cultura .....	2,4	2,5	4,5	0,1	0,1
10. Educação .....	1,3	0,9	0,9	0,0	0,0
11. Hotéis, Cafés e Restaurantes .....	1,5	2,9	6,3	0,1	0,2
12. Bens e Serviços Diversos .....	2,0	1,4	8,1	0,2	0,1
Total .....	1,2	1,9	100,0	1,2	1,9

Fonte: SREA.

## 4. MOEDA E CRÉDITO

O total de 3 766 milhões de euros de crédito concedido nos balcões dos bancos comerciais na Região Autónoma dos Açores em 2017 incorpora uma variação positiva que se traduziu numa taxa nominal de 2,5%.

Por sua vez, os 2 850 milhões de euros de depósitos captados no mesmo ano atingiram um crescimento médio à taxa nominal de 12,3%.

Consequentemente, o nível de poupança captada aproximou-se do nível de crédito concedido. De facto, os depósitos captados, que tinham representado 69,1% dos créditos concedidos em 2016, atingiram a proporção de 75,7% em 2017.

Esta evolução integra-se na linha de tendência de elevar a capacidade de financiamento interna da necessidade de investimento da economia, na sequência de políticas com vista a reequilíbrios de balanços financeiros e das próprias condições envolventes às atividades económicas.

### Depósitos e Créditos Bancários

10<sup>6</sup> Euros

Evoluções	Depósitos	Créditos <sup>1)</sup>	Créditos/Depósitos (%)
Absoluta			
2011	3 015	4 728	63,8
2012	2 945	4 527	65,1
2013	2 799	4 291	65,2
2014	3 133	4 245	73,8
2015	2 771	3 889	71,3
2016	2 538	3 675	69,1
2017	2 850	3 766	75,7
Relativa Nominal (Δ %)			
2010	+4,6	+3,7	
2011	-1,6	-1,9	
2012	-2,3	-4,1	
2013	-5,0	-5,2	
2014	+11,9	-1,1	
2015	-11,6	-8,4	
2016	-8,4	-5,5	
2017	+12,3	+2,5	

1) Não inclui crédito titulado.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt).

### Depósitos

O elevado crescimento dos depósitos à taxa média anual de 12,3%, além de ter proporcionado a maior cobertura financeira ao volume de crédito concedido no âmbito das atividades na Região Autónoma dos Açores, permitiu atingir uma quota de 1,4% no mercado do país, enquanto no ano anterior representar 1,2%.

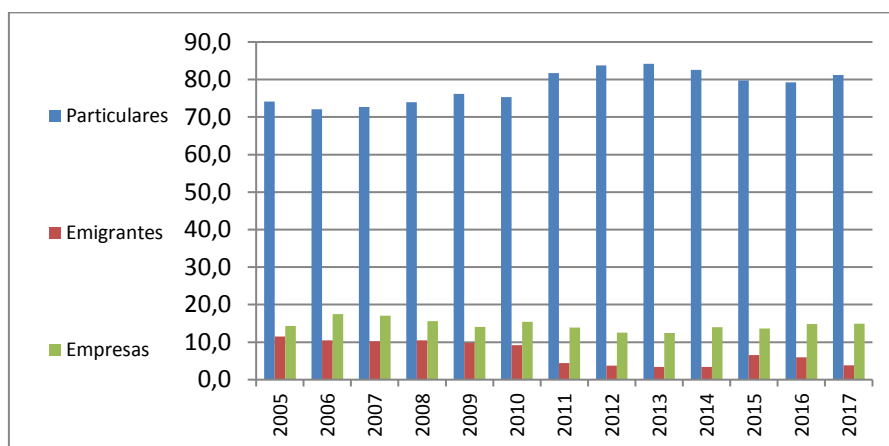
A principal fonte de poupanças captadas pelos bancos continua a ser a dos depósitos de residentes no país que, situando-se na casa de 2 000 milhões de euros, representa cerca de 80% do total e, compreensivelmente, condiciona de forma significativa a evolução geral.

Os depósitos de empresas (sociedades não financeiras) têm mantido uma representatividade de cerca de 15% do total.

Os depósitos de emigrantes representaram apenas 3,9% do total em 2017, e tendem a revelar níveis de variabilidade relativamente mais frequentes e intensos, seja por fatores decorrentes da sua dimensão, seja pela própria volatilidade de situações cambiais.

### Depósitos

(Estrutura%)



### Créditos/Empréstimos

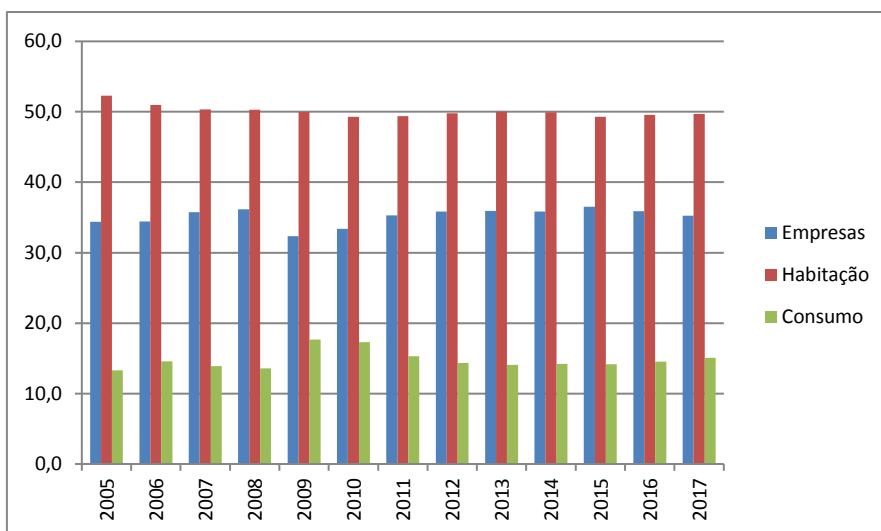
Do crescimento dos créditos concedidos à taxa média de 2,5% em 2017 destaca-se o seu sentido positivo que revelou uma mudança na sucessão de quebras a partir das restries iniciadas em 2011. Ao mesmo tempo, aquele crescimento também permitiu uma progressão em termos de quota no conjunto do país, ultrapassando os níveis médios mais frequentes nos últimos anos e voltando a atingir 2,0% no peso do volume total do país.

Observando a distribuio dos créditos concedidos segundo os agentes econmicos verifica-se que os empréstimos à habitao representam a componente mais significativa, correspondendo basicamente ao volume obtido pela soma das outras componentes, a das empresas mais a de consumo pelas famílias. Estas duas componentes, e particularmente a última, revelam maior sensibilidade a variaes de conjuntura.

O crédito ao consumo aumentou de forma nítida, mas continua significativamente inferior aos níveis atingidos em momentos anteriores às polticas restritivas iniciadas em 2011.

### Créditos

(Estrutura%)



### **Distribuição territorial**

O desempenho da atividade bancária revelou indicadores que apontam no sentido de recuperação de operações comerciais, de reanimação de investimento e em geral de confiança ou expectativas de crescimento.

No contexto da economia portuguesa, atingiram-se níveis de realização interessantes, ao mesmo tempo que a rede bancária continua a revelar uma margem de capacidade operacional significativa.

### **Rede e Cobertura Bancária em 2017**

	<b>Unidades</b>	<b>Açores</b>	<b>País</b>	<b>Açores/País (%)</b>
Depósitos .....	10 <sup>6</sup> Euros	2 850	210 324	1,4
Créditos .....	10 <sup>6</sup> Euros	3 766	187 796	2,0
Balcões (1) .....	Nº	128	4 454	2,9

(1) Dados relativos a 2016.

Fonte: Banco de Portugal, Boletim Estatístico, [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt).



## 5. FINANÇAS PÚBLICAS

### Evoluco Geral

Durante o ano de 2017, a reduco de amortizaes de passivos financeiros nas Despesas de Capital permitiu reduzir também as despesas em termos de volume global sem, por outro lado, afetar os níveis de execuo de outras componentes de despesa.

Efetivamente, o volume global de Despesas de 1.137,3 milhões de euros em 2017 representa um decréscimo nominal de -3,6% em relao ao ano anterior mas, por outro lado, as despesas correntes e as do Plano cresceram 1,5% e 2,6%, respetivamente.

Com a reduco do volume global de despesa decorreu de imediato uma necessidade de financiamento global também mais reduzida. Depois, porque entre as diversas fontes de financiamento se verificou uma certa estabilidade no peso estrutural das transferências e até um acréscimo no das receitas fiscais, então, a terceira grande fonte de financiamento, a do recurso a empréstimos a terceiras entidades, foi menor. De facto a rubrica de empréstimos representou 11,6% em 2017, enquanto no ano anterior representara 16,0%.

### Aplicaes e Financiamento — Conta da RAA

	Montante (Milhões de Euros)					Estrutura %				
	2013	2014	2015	2016	2017	2013	2014	2015	2016	2017
DESPESAS .....	1.127,8	990,3	1 047,1	1 180,7	1.137,3	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Despesas Correntes .....	674,6	652,8	664,6	672,8	690,6	59,8	65,9	63,5	57,0	60,7
Despesas de Capital...	80,6	19,8	19,7	139,6	72,9	7,1	2,0	1,9	11,8	6,4
Despesas do Plano .....	372,6	317,7	362,8	368,3	373,8	33,1	32,1	34,6	31,2	32,9
RECEITAS (Corr.+Capital)	1.127,8	990,3	1 047,1	1 180,7	1.137,6	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Receitas fiscais * .....	562,3	625,6	638,0	631,5	657,2	49,8	63,2	60,9	53,5	57,7
Transferências.....	445,7	308,8	330,8	350,9	331,9	39,5	31,2	31,6	29,7	29,2
Empréstimos.....	111,4	49,0	69,0	188,5	132,0	9,9	4,9	6,6	16,0	11,6
Outras .....	8,4	6,9	9,3	9,8	16,5	0,8	0,7	0,9	0,8	1,5

\*Impostos mais taxas, incluindo contribuies para a Segurança Social.

Fonte: Conta da R. A. A., DROT.

### Despesas

Como foi destacado inicialmente a redução na rubrica de Passivos financeiros (amortizações), que passou de 138,9 milhões de euros em 2016 para 72,4 milhões de em 2017, permitiu margens de execução em níveis mais reforçados nas despesas do Plano e nas correntes, destacando-se nestas últimas, pelo volume e pela intensidade de variação, as classificadas em Despesas com Pessoal e em transferências.

Adicionando ao somatório das despesas Correntes, de Capital e do Plano o montante de operações extraorçamentais de 229,0 milhões de euros, contabiliza-se um total de 1 366,3 milhões de euros.

#### Despesas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Despesas	2015	2016	2017
<b>Despesas Correntes</b> .....	<b>664 570</b>	<b>672 836</b>	<b>690 625</b>
Despesas com Pessoal .....	304 750	311 786	318 425
Aquisição de bens e Serviços correntes.....	13 593	13 197	13 227
Encargos correntes da dívida (juros e outros) .....	14 087	14 670	15 637
Transferências correntes.....	321 120	321 735	331 018
Subsídios.....	0	0	0
Outras despesas correntes .....	11 020	11 448	12 318
<b>Despesas de Capital</b> .....	<b>19 661</b>	<b>139 616</b>	<b>72 877</b>
Aquisição de bens de capital.....	358	295	306
Ativos financeiros.....	0	0	0
Passivos financeiros (amortizações) .....	19 143	138 943	72 393
Transferências de capital.....	0	0	0
Outras despesas de capital.....	160	378	178
<b>Despesas do Plano</b> .....	<b>362 792</b>	<b>368 177</b>	<b>373 825</b>
<b>Sub-total</b> .....	<b>1 047 023</b>	<b>1 180 629</b>	<b>1 137 326</b>
<b>Contas de Ordem / Operações extraorçamentais</b> .....	<b>227 114</b>	<b>206 182</b>	<b>229 017</b>
<b>Total</b> .....	<b>1 274 137</b>	<b>1 386 811</b>	<b>1366 343</b>

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

## Receitas

O peso e a estabilidade das transferências no contexto do financiamento das contas da RAA tem decorrido de forma mais evidente na rubrica de receitas correntes, registando um valor nominal na ordem de 179 milhões de euros.

O acréscimo de receitas fiscais abrangeu as grandes categorias de impostos, diretos e indiretos, mas foi mais particularmente mais intensa em rubricas com incidência em produtos petrolíferas, tabaco e bebidas, registando taxas médias anuais superiores a 10%.

Os empréstimos cifraram-se em 132 milhões de euros em 2017, enquanto no ano anterior tinham atingido 188 milhões de euros.

Acrescentando a estas fontes de financiamento, com receitas correntes e de capital, os movimentos de contas com operações extraorçamentais obtém-se um total de receita de 1.366,7 milhões de euros.

### Receitas – Conta da RAA

Milhares de Euros

Receitas	2015	2016	2017
<b>Receitas Correntes.....</b>	<b>823 478</b>	<b>818 481</b>	<b>848 154</b>
Impostos diretos.....	224 902	191 425	206 957
Impostos indiretos.....	395 147	420 764	432 450
Contribuições Segurança Social.....	10 056	11 215	10 019
Taxas, multas, outras penalidades.....	7 912	8 078	7 797
Rendimentos de propriedade.....	4 280	4 347	9 192
Transferências.....	179 259	179 915	179 393
Outras receitas.....	1 922	2 737	2 346
<b>Receitas de Capital.....</b>	<b>221 671</b>	<b>360 956</b>	<b>287 085</b>
Venda de bens de investimento.....	507	1 096	1 584
Transferências.....	151 534	171 043	152 543
Ativos financeiros.....	206	127	852
Passivos financeiros.....	69 000	188 500	132 000
Outras receitas de capital.....	424	190	107
<b>Outras receitas/ Reposições não abatidas nos pagamentos.....</b>	<b>2 017</b>	<b>1 152</b>	<b>2 324</b>
<b>Saldo da gerência anterior.....</b>	<b>15</b>	<b>164</b>	<b>122</b>
<b>Sub-total.....</b>	<b>1 047 181</b>	<b>1 180 753</b>	<b>1 137 686</b>
<b>Contas de Ordem/ Operações extraorçamentais .</b>	<b>226 849</b>	<b>206 083</b>	<b>229 037</b>
<b>Total da Receita.....</b>	<b>1 274 030</b>	<b>1 386 836</b>	<b>1 366 723</b>

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

### Saldos

O saldo corrente de 157,5 milhões de euros em 2017, resulta da diferença entre receitas de 848,1 milhões de euros e despesas de 690,6 milhes de euros.

O saldo de operaes de capital de 157,2 milhes de euros, também inclui as operaes classificadas como investimentos do plano.

Sendo assim, deduz-se um saldo global de 0,3 milhes de euros. Agregando a este saldo os juros e encargos do serviço da dvida de 15,6 milhes de euros obtm-se um saldo primário de 15,9 milhes de euros.

### Saldos – Conta da RAA

Milhes de Euros

	2015	2016	2017
Saldo Corrente .....	158,908	145,646	157,5
Saldo de Capital .....	-158,750	-145,522	-157,2
Saldo Global.....	0,158	0,124	0,3
Saldo Primário .....	14,245	14,795	15,9

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

### Dvida Pública Direta

No ano de 2017, a Dvida Pública Direta da Região Autónoma dos Açores correspondeu a 632,6 milhes de euros.

J o serviço da dvida no montante de 88,0 milhões de euros decorreu de 72,4 milhões de euros de amortizações mais 15,6 milhões de euros de juros e outros encargos.

### Dvida Pública Regional

Mil Euros

	2015	2016	2017
<b>Dvida Pública Direta .....</b>	<b>558 444</b>	<b>573 001</b>	<b>632 608</b>
<b>Serviço da Dvida.....</b>	<b>33 230</b>	<b>153 613</b>	<b>88 030</b>
Juros e outros encargos.....	14 087	14 670	15 637
Amortizações.....	19 143	138 943	72 393

Fonte: Conta da R.A.A., DROT.

## 6. AGRICULTURA

Entre as culturas agrícolas temporárias destaca-se a de milho de forragem pelo papel que desempenha na alimentação para a pecuária, ocupando uma superfície cultivada extensa e que nos últimos anos atingiu o patamar superior a 10 milhões de hectares, gerando também produções significativas com volumes superiores a 300 milhares de toneladas. Já o milho para grão vem decrescendo de produção nos últimos anos em consequência de um correlativo decréscimo na respetiva superfície cultivada.

Entre as culturas agrícolas permanentes que apresentam em geral, e compreensivelmente, maior estabilidade nas suas atividades produtivas, a cultura do chá evidencia-se pelo facto de que, apesar de manter constante a superfície cultivada, em 37 hectares, vem registando volumes de produção anual crescentes.

### Produção das Principais Culturas, R.A.A.

	Superfície (ha)				Produção (ton)			
	2014	2015	2016	2017	2014	2015	2016	2017
Batata comum .....	599	593	596	446	11 142	11 778	14 731	11 323
Batata-doce .....	60	62	65	53	1 178	1 125	1 227	980
Beterraba Sacarina	354	100	97	106	13 320	5 761	5 132	6 550
Milho Grão .....	238	242	211	183	446	424	417	366
Milho forrageiro .....	9 342	11 202	10 550	10 446	270 775	333 300	319 827	316 621
Tabaco .....	44	60	60	50	108	141	146	120
Chá .....	37	37	37	37	120	157	161	176
Ananás	58	58	59	56	1 107	1 052	998	948

Fonte: INE.

A produção de vinhos tintos com um volume de 3 884 hectolitros em 2017 continuou a revelar um peso significativo dentro da estrutura tradicional.

A produção de vinhos bancos com um volume de 1 142 hectolitros em 2017 abrange diversas castas reconhecidas e classificadas, tendo registado um acréscimo em relação ao ano anterior.

## Produo de vinhos, R.A.A. - 2017

Unidade: hl

	Branco	Tinto*	Total
Licoroso com DOP .....	25	0	25
DOP - Denominao de Origem Protegida.....	789	0	789
IGP - Identificao Geográfica Protegida.....	173	693	866
Sem Indicao de Casta .....	155	3 191	3 346
Total.....	1 142	3 884	5 026

\* Pode incluir vinhos tipo rosado.

Fonte: INE.

O Volume de leite recebido nas fábricas de laticínios tem-se situado num patamar de 600 milhões de litros, com pequenas variaoes anuais. O crescimento em 2017 registou a taxa média anual de 1,3%, enquanto no ano anterior registara a de -1,1%

O leite recebido para tratamento e transformao foi escoado nas formas de leite para consumo e de outros produtos lácteos, como os diversos tipos de queijos, yogurtes, manteiga e leite em p.

Entre os diversos tipos de produtos voltou a destacar-se a progressão do queijo que, crescendo  taxa média anual de 4,6%, atingiu o volume de 31,3 mil toneladas. Assim, voltou a verificar-se a progressão num produto que também  associável  valorizao da matéria prima face a outras alternativas como a do leite em p, cujo volume decresceu (-0,3%) no mesmo período.

## Produo e Transformao de Leite

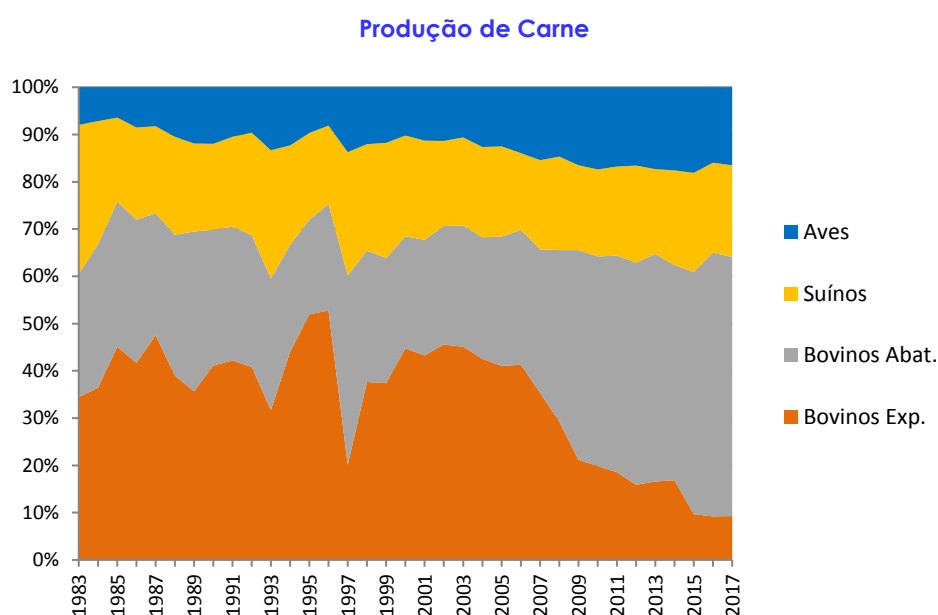
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
<b>Leite recebido nas fábricas (1000 lt.).....</b>	<b>540 199</b>	<b>535 417</b>	<b>547 576</b>	<b>565 951</b>	<b>536 074</b>	<b>579 155</b>	<b>610 097</b>	<b>603 021</b>	<b>611 342</b>
<b>Leite p/consumo (1000 lt) ..</b>	<b>99 410</b>	<b>99 105</b>	<b>114 240</b>	<b>118 128</b>	<b>123 938</b>	<b>128 596</b>	<b>142 952</b>	<b>135 991</b>	<b>137 360</b>
<b>Produtos lcteos (ton.s).....</b>	<b>53 991</b>	<b>53 827</b>	<b>53 816</b>	<b>56 218</b>	<b>51 735</b>	<b>56 408</b>	<b>58 935</b>	<b>58 466</b>	<b>59 373</b>
Manteiga .....	8 636	8 070	8 764	9 869	8 835	10 023	11 509	11 854	11 400
Queijo .....	28 948	28 354	28 958	30 292	28 256	29 621	28 152	29 936	31 303
Leite em P.....	16 102	17 067	15 789	15 687	14 273	16 389	18 886	16 215	16 168
logurtes.....	305	336	306	371	371	375	387	461	504

Fonte: SREA.

O volume total de carnes produzidas anualmente nos Açores vem-se situando numa ordem de grandeza de 26 a 28 milhões de toneladas.

A carne de bovino abatido na rede regional tem progredido significativamente nos últimos anos, atingindo em 2017 um peso de 55% do volume total de carnes. Com esta progressão a carne de bovinos vivos exportados tem-se reduzido, representando apenas 9% do total naquele mesmo ano de 2017.

A carne de suíno tem-se mantido numa quota de cerca de 1/5 do total. A carne de aves, por sua vez, registou uma quota de apenas 16% em 2017, mas tem revelado um certo crescimento que, sendo moderado, se evidencia pela regularidade na sua progressão.



Segundo o último IEAA – Inquérito à Estrutura das Explorações Agrícolas do INE no ano de 2016, a Superfície Agrícola Útil – SAU ocupara 123 793 hectares e estava distribuída por 11 580 explorações.

Sendo assim, a superfície média por exploração correspondia a 10,7 hectares, traduzindo um acréscimo em termos de dimensão e situando-se a um nível superior ao de outras terras de minifúndio, mas sem atingir os 14,1 hectares do conjunto do país que, também revelou um acréscimo médio.

O Valor de Produção Bruto de 472 606 mil euros implicava um rácio por exploração de 41,0 milhares de euros, ultrapassando de forma expressiva os 19,9 milhares de euros para o conjunto do país.

Comparando agora os elementos da dimensão física, superfície agrícola, aos elementos de dimensão econmica, valor de produo, assinala-se o nível significativo de resultados e produtividade geral no contexto do país.

### Dimensão das Exploraes

Classes	Exploraes (n)	SAU (ha)	SAU média por explorao (ha/expl.)	VPPT (10 <sup>3</sup> euros)	DE (10 <sup>3</sup> euros/expl.)
<b>Portugal</b>	258 983	3 641 691	14,1	5 144 213	19,9
<b>Continente</b>	235 774	3 513 006	14,9	4 584 374	19,4
Norte	95 879	653 134	6,8	1 122 815	11,7
Centro	87 044	584 904	6,7	1 217 146	14,0
Lisboa	5 458	77 636	14,2	288 640	52,9
Alentejo	35 666	2 100 762	58,9	1 719 736	48,2
Algarve	11 728	95 570	8,1	236 037	20,1
<b>Açores</b>	11 580	123 793	10,7	474 606	41,0
<b>Madeira</b>	11 628	4 893	0,4	85 233	7,3

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

Do total de 11 580 exploraes agrícolas, 7 466 especializaram-se na bovinicultura fazendo o maneio de 263 milhares de cabeças de gado.

Desta forma obtm-se uma média de 35,2 cabeças de gado por explorao, enquanto o encabeçamento, medido pelo mesmo rácio a nível do país, corresponde a 36,1 animais.

### Indicadores das Exploraes de Bovinicultura

Classes	Exploraes (n)	Cabeças (10 <sup>3</sup> n)	Encabeamento (n cab./expl.)
<b>Portugal</b>	43 384	1 567	36,1
Norte	20 487	361	17,8
Centro	9 689	181	18,7
Lisboa	444	57	127,2
Alentejo	4 374	690	157,7
Algarve	257	8	29,8
<b>Açores</b>	7 466	263	35,2
<b>Madeira</b>	666	3	4,4

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.



A populao agrícola familiar agregava 28 milhres de pessoas, das quais 4,3 milhres a trabalhar a tempo completo, 14,5 milhres a tempo parcial e 9,3 milhres sem atividade.

A populao agrícola continuou a diminuir, atingindo mais a que trabalha a tempo parcial ou então membros de família sem atividade.

Apesar da tendência de diminuio, a populao agrícola representava nos Açores 11,5% da populao residente, enquanto no país representava 6,1%.

As estruturas agrícolas nos Açores revelam uma componente familiar significativa, utilizando proporcionalmente menos assalariados que as estruturas de outras regiões.

#### Populao e mão-de-obra

NUTS II	Estimativas da populao residente (2016) (10 <sup>3</sup> n)	Populao agrícola familiar				Trabalhadores permanentes assalariados (n ind.)
		Total (n)	Sem atividade (n)	Tempo parcial (n)	Tempo completo (n)	
<b>Portugal</b>	10 294	627 825	100 355	454 049	73 422	77 041
<b>Continente</b>	9 796	564 670	85 125	412 193	67 352	71 015
Norte	3 577	242 479	37 992	169 466	35 021	21 041
Centro	2 244	213 519	23 937	170 215	19 268	14 132
Lisboa	2 818	11 753	2 946	6 555	2 252	3 685
Alentejo	715	71 583	16 903	46 186	8 493	28 062
Algarve	442	25 336	3 347	19 771	2 318	4 095
<b>Açores</b>	245	28 094	9 306	14 530	4 258	4 147
<b>Madeira</b>	254	35 061	5 924	27 325	1 812	1 879

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

As exploraes agrícolas nos Açores revelam através dos seus indicadores laborais uma dimensão média de 1,1 Unidades de Trabalho Ano (UTA) a par de resultados de eficiência significativos, seja em relao  Superfície Agrícola Utilizada (SAU), com 9,8 UTA/SAU, seja em relao a cabeças normais de bovinos, com 5,8 UTA/CN.

O nível de produtividade de 39,0 mil euros por UTA continua a evidenciar-se por representar o valor máximo no contexto das regiões em Portugal.

#### Indicadores Laborais

	UTA	UTA média por explorao (UTA/expl.)	VPPT médio por UTA (10 <sup>3</sup> euros/UTA)	UTA média por SAU (UTA/100 ha)	UTA média por CN (UTA/100 CN)
<b>Portugal</b>	318 292	1,2	16,2	8,7	14,3
Norte	129 193	1,3	8,7	19,8	33,8
Centro	91 216	1,0	13,3	15,6	14,7
Lisboa	9 335	1,7	30,9	12,0	10,9
Alentejo	52 455	1,5	32,8	2,5	5,9
Algarve	13 117	1,1	18,0	13,7	69,5
<b>Açores</b>	12 183	1,1	39,0	9,8	5,8
<b>Madeira</b>	10 793	0,9	7,9	220,6	123,8

Fonte: INE, Inquérito  Estrutura das Exploraes Agrícolas.

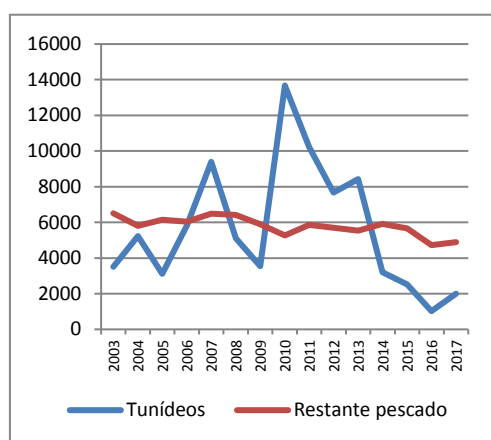
## 7. PESCAS

O volume de pescado descarregado nos portos totalizou 6,9 mil toneladas durante o ano de 2017, o que representa um acréscimo significativo em relação ao ano anterior e ocorreu basicamente através da espécie de tunídeos.

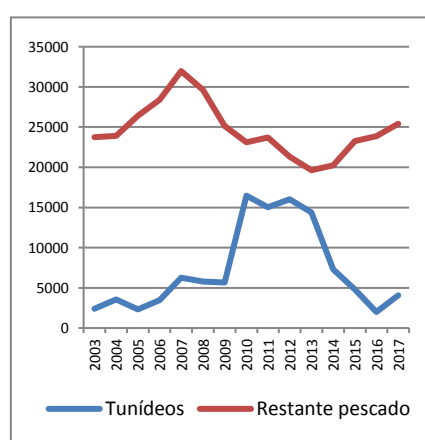
Juntando-se ao acréscimo de volumes de espécies descarregadas a melhoria de preços na comercialização, neste caso basicamente pelo agregado do restante pescado constituído pelas variedades não pelágicas, obtém-se um valor reforçado, que atinge 29,5 milhões de euros naquele ano de 2017 e representa uma taxa média de crescimento anual de 13,9% em relação ao ano anterior.

### Pescado Descarregado nos Portos de Pesca

VOLUME Tons



VALOR Mil €



A evolução favorável de preços no mercado de peixe, que vem sendo observada nas diversas espécies, evidencia-se particularmente nos anos mais recentes. De facto, a partir de 2014 observou-se uma certa inversão na trajetória dos preços registadas em lota.

O imperador situou-se a um preço elevado de 22,1 euros por quilo, que resulta da intensidade de evolução dos últimos anos, mas também beneficiou de um ponto de partida já elevado, situando-se então ao nível

de outras com valor de mercado reconhecido como a de goraz e a de cherne.

A abrótea e a boca negra situam-se a um nível de preço relativamente moderado que se fica a dever mais ao de certo modo nível baixo de partida, do que à intensidade de evoluo de preço no mercado.

#### Principais Espécies Descarregadas, 2017

	Toneladas	Mil Euros	Euro/Kg
Abrtea .....	88	515	5,9
Boca Negra .....	333	1 955	5,9
Cherne.....	128	1 975	15,4
Chicharro .....	586	1 318	2,3
Goraz .....	352	5 379	15,3
Imperador .....	30	658	22,1
Lula.....	215	1 758	8,2
Mero.....	36	349	9,7
Pargo .....	131	1 510	11,5
Peixo .....	147	1 651	11,2

Fonte: SREA.

A evoluo favorável do valor do pescado dos portos açorianos faz elevar o nível de representatividade atingido no contexto da economia portuguesa.

De facto, os dados mais recentes revelam que à quota de volume de pescado de 5,4% no contexto do país, corresponde uma quota de valor que atinge 10,8%.

#### Principais Categorias de Espécies Descarregadas, 2017

	Açores		Portugal		Açores/Portugal (%)	
	Tons	Mil euros	Tons	Mil euros	Tons	Euros
Peixes marinhos .....	6 048	26 572	99 834	191 800	6,1	13,9
Crustáceos .....	45	658	916	14 566	5,0	4,5
Moluscos .....	283	2 243	17 380	63 996	1,6	3,5
gua doce e outros ....	3	3	265	1 998	1,3	0,1
<b>Total.....</b>	<b>6 379</b>	<b>29 476</b>	<b>118 395</b>	<b>272 360</b>	<b>5,4</b>	<b>10,8</b>

Fonte: INE.

As embarcaes da frota de pesca mostram-se dimensionadas para o tipo de fainas operacionais mais frequentes nos mares açoriano e equipadas com níveis de potência significativos.

De facto, as 588 embarcaes têm uma arqueao bruta de 8 476 unidades, representando 11,4% no contexto do país, mas dispendo de uma potência de 44,4 mil KW, que atinge 15,6% do total do país.

#### Embarcaes, 2017

	Açores	Portugal	Açores / Portugal (%)
Número.....	588	4 019	14,6
Arqueao bruta .....	8 476	74 546	11,4
Potência (Kw).....	44 426	281 367	15,8

Fonte: INE.

Nas artes de pesca continua a evidenciar-se o predomínio na utilizao do anzol que atinge 1388 licenças, enquanto na arte de arrasto a pressão de pesca  nula, não se tendo registado qualquer licença no último ano.

#### Licenças por Arte de Pesca, 2017

	Açores	Portugal	Açores/Portugal (%)
Anzol.....	1 388	10 325	13,4
Armadilhas .....	153	2 747	5,6
Arrasto.....	0	761	0,0
Cerco .....	152	349	43,6
Redes .....	67	5 360	1,6
Outras artes.....	671	1 126	59,6
<b>Total.....</b>	<b>2 431</b>	<b>20 668</b>	<b>11,8</b>

Fonte: INE.

J o número de pescadores inscritos junto das respetivas instituies marítimas, atinge um total de 3 477 indivíduos, correspondendo a cerca de 21,8% do conjunto do país.

Estes pescadores encontram-se maioritariamente afetos  pesca local nos mares açorianos, enquanto no país tem maior representatividade na pesca costeira.

**Pescadores, 2017**

	<b>Açores</b>	<b>Portugal</b>	<b>Açores/Portugal (%)</b>
Local.....	1 935	6 412	30,2
Costeiro .....	1 510	9 132	16,5
Largo.....	32	435	7,4
<b>Total .....</b>	<b>3 477</b>	<b>15 979</b>	<b>21,8</b>

Fonte: INE.

Os indicadores sobre sinistralidade e incapacidade operacional continuam a situar-se a um nível moderado de gravidade, quando se consideram as proporoes dos meios materiais e humanos envolvidos no contexto do país.

De facto, a restrico de dias por incapacidade operacional e o número de pescadores atingidos por ferimentos corresponderam respetivamente a 6,1% e 8,8 do conjunto do país.

**Sinistralidade e Dias de Incapacidade, 2017**

	<b>Açores</b>	<b>Portugal</b>	<b>Açores/Portugal (%)</b>
Mortos .....	0	3	0,0
Feridos.....	52	852	6,1
Dias de incapacidade.....	2 372	26 821	8,8

Fonte: INE.

## 8. ENERGIA

### Eletricidade

A oferta de produção de 802,9 GWh, gerada pelo sistema electroprodutor no último ano, incorpora um crescimento moderado à taxa média de 0,3%.

Por sua vez, a procura agregada dos consumos pelas famílias, empresas e entidades públicas traduziu-se num volume total de 734,6 GWh, correspondendo a um crescimento médio anual também à taxa de 0,3%.

Tendo sido assim, com crescimentos idênticos nos volumes de produção e de consumo, as perdas entre a geração e utilização final de energia pelo sistema electroprodutor regional mantiveram-se a um nível idêntico, isto é, na casa de 68 GWh.

### Eletricidade – Balanço

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Produção	849,8	840,0	804,6	792,5	788,9	791,3	800,8	802,9
Perdas	71,2	69,2	73,3	72,8	70,5	69,6	68,7	68,3
Consumo	778,6	770,8	731,3	719,7	718,4	721,7	732,1	734,6

Fonte: EDA.

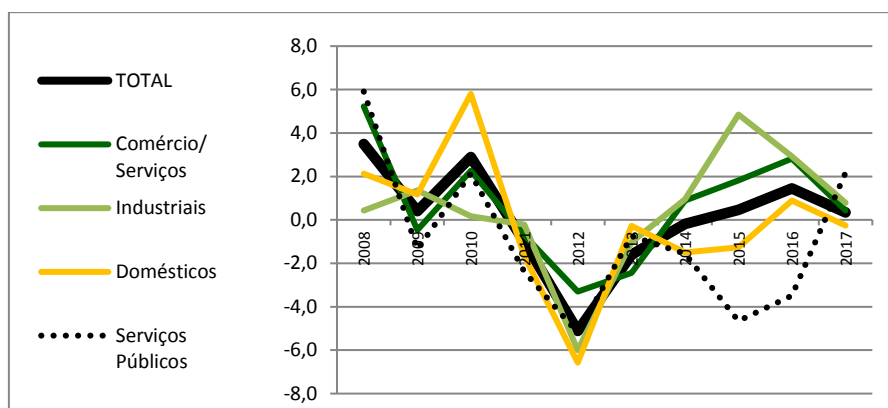
A procura de eletricidade por parte de serviços públicos registou uma taxa média de variação anual relativamente elevada quando comparada à procura agregada, isto é, atingiu 2,2% que compara aos 0,3% referidos anteriormente nos parágrafos iniciais.

Todavia, a intensidade relativamente elevada repercutiu-se de forma reduzida na evolução geral, já que o consumo por parte de serviços públicos representa apenas cerca de 10% do total.

Os consumos domésticos e os de comércio/serviços, pelo contrário, registaram crescimentos mais próximos da média, o que se observa de forma mais frequente e decorre da própria representatividade que ocupam na estrutura de consumo, representando cada um cerca de um terço do total.

### Consumo de Eletricidade

(Taxa de variação, %)



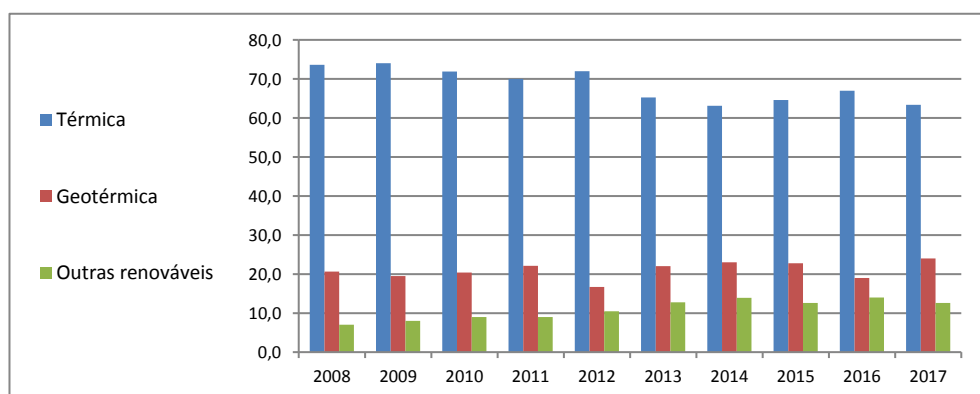
Do lado da oferta de produção pelo sistema electroprodutor destaca-se a evolução da geotermia, por ser a componente que registou crescimento mais intenso e, mesmo não dispendo do peso que a térmica ocupa, sustentou o crescimento geral.

De facto, foi possível alimentar as necessidades de crescimento da procura com aumento da oferta geotérmica de eletricidade e, simultaneamente, reduzir mesmo em termos absolutos a térmica.

Esta evolução recente integra-se na mudança de composição das fontes de produção de eletricidade nas centrais térmicas descendo de um patamar superior a 70% para outro mais próximo de 60%.

### Produção de Eletricidade

(Estrutura %)



A distribuição do volume de produção de eletricidade pelas ilhas revela que o crescimento ocorreu de forma relativamente semelhante entre elas.



As maiores diferenças encontram-se na composição por fontes de origem da eletricidade. O crescimento da fonte geotérmica, que vimos anteriormente ser o fator que sustentou o crescimento absoluto, decorreu da produção já estabelecida na ilha de São Miguel e da entrada da nova capacidade instalada na ilha Terceira.

No âmbito de energia hídrica continua a destacar-se a representatividade que atinge o caso da ilha das Flores.

A fonte de energia térmica manteve um certo relevo nas ilhas com fontes de energia renovável menos diversificadas.

A distribuição dos números de consumidores também revela crescimentos de forma relativamente semelhante nas diversas ilhas, mas os padrões de consumos médios parecem começar a revelar alterações, no sentido de menor desperdício de energia que se poderá observar por reduções nos níveis de consumos médios por instalação.

#### Distribuição por Ilhas - 2017

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	RAA
Produção total (GWh).....	21,7	433,8	194,4	14,3	29,2	46,5	49,3	12,0	1,6	802,9
Produção renovável (%)...	11,6	51,1	25,7	0,0	13,2	11,9	9,6	49,7	0,0	36,3
Consumidores (nº de instalações) .....	3 823	63 292	27 369	3 266	5 835	9 740	8 108	2 459	284	124 176
Consumo médio (MWh / nº instalações) .....	5,9	5,1	6,4	6,4	4,0	4,6	4,3	5,4	4,4	5,1

Fonte: EDA.

#### Balanço Energético

Os últimos dados anuais sobre o volume total de energia primária nos Açores, calculados pela Direção Geral de Energia e Geologia, correspondem a 326,6 mil teps.

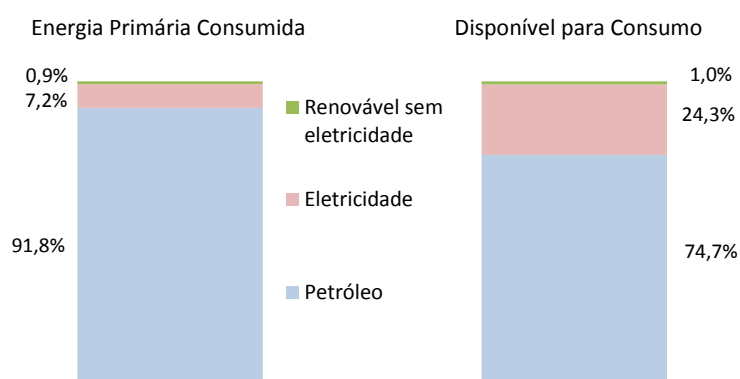
Conforme se observa no gráfico abaixo sobre o Balanço energético, os combustíveis fósseis (petróleo e derivados) representam 91,8% do total de energia primária consumida. Este tipo de energia apesar de revelar alguns sinais de redução de peso estrutural a favor de outras fontes de energias limpas, continua a representar uma elevada quota de produção.

Fontes de energia renováveis sem eletricidade, como a solar, têm-se mantido ao nível residual próximo de 1%.

Fontes de energia renováveis, como geotermia, eólicas e hidroelétricas também fornecedoras de energia, mas já na forma de eletricidade, fornecem o valor complementar na ordem de 7%.

Considerando o sistema electroprodutor verifica-se que a eletricidade passa a representar cerca de um quarto (24,3% em 2016) da energia disponível para consumo, enquanto o petróleo passa a cerca de três quartos (74,7% no mesmo ano de 2016). Ainda no âmbito da energia disponível para consumo as fontes renováveis de energia sem eletricidade representam o mesmo valor residual próximo de 1%.

### Balanço Energético – Oferta - 2016



Da energia disponível para consumo, os transportes são o único sector que regista um valor absoluto (100%) na utilização dos derivados do petróleo como fonte de abastecimento que, por sua vez, no quadro abaixo com os últimos dados regista 42,0% da quota da procura de energia na sua globalidade.

A quota de procura pelo sector doméstico ocupa a segunda posição no âmbito do consumo final de energia em termos de balanço energético, distribuindo-se basicamente entre duas fontes de abastecimento, a de petróleo e a de eletricidade.

O sector de serviços ocupa uma posição de quota de procura comparável à do sector doméstico, mas recorre principalmente a uma fonte de abastecimento, a de eletricidade.

Nos outros sectores de atividades de produção, observam-se diversos níveis de diversificação de fontes, mas a de petróleo é a predominante.

**Balço Energético – Procura - 2016**  
Consumo Final de Energia

Unidade: %

Quota de Procura	Sector	Distribuição por fontes			
		Petróleo	Eletricidade	Outras	Total Geral
42,0	Transportes.....	100,0	0,0	0,0	100,0
16,2	Doméstico.....	43,2	50,4	6,5	100,0
14,0	Serviços.....	19,1	80,9	0,0	100,0
12,3	Indústrias.....	71,9	28,1	0,0	100,0
3,0	Construção e O.P.....	82,9	17,1	0,0	100,0
10,7	Agricultura.....	95,7	4,3	0,0	100,0
1,8	Pescas.....	89,6	10,4	0,0	100,0
100,0	Total.....	74,8	24,1	1,0	100,0

Fonte: Direcção Geral de Energia e Geologia.



## 9. COMÉRCIO COM O ESTRANGEIRO

O comércio internacional de mercadorias registou durante o ano de 2017 um valor global na ordem de 270 milhões de euros.

As receitas em exportaces no valor de 90,9 milhões de euros corresponderam basicamente a metade das despesas com importaces que atingiram 180,4 milhões de euros.

### Comércio Internacional de Mercadorias

1 000 Euros

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Importaces	179 197	203 999	190 982	136 522	135 726	143 654	180 428
Exportaces	117 116	109 670	124 443	95 368	104 120	84 116	90 944
<b>Total</b>	<b>296 314</b>	<b>313 668</b>	<b>315 426</b>	<b>231 890</b>	<b>235 984</b>	<b>227 770</b>	<b>271 372</b>
Taxa de Cobertura (%)	65,4	53,8	65,2	69,9	76,7	58,6	50,4

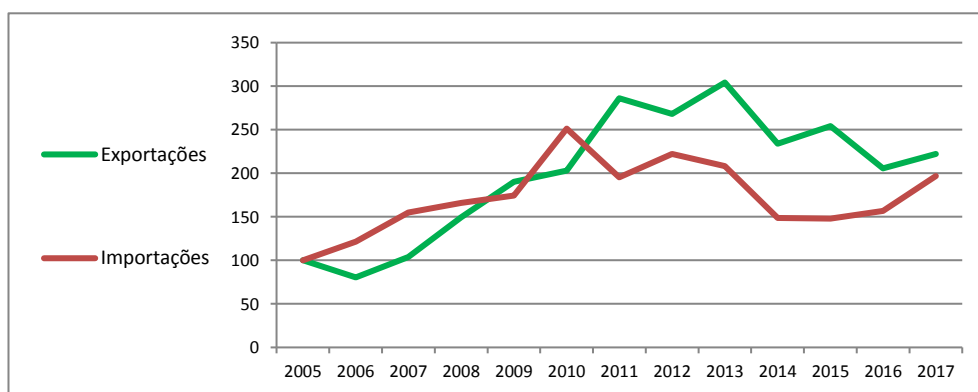
Fonte: INE, Base de dados: definitivos até 2015 e provisórios para 2016.

As exportaces no último ano registaram um certo crescimento, mas este revelou-se insuficiente para cobrir o acréscimo das importaces.

A intensidade de crescimento estará associada a volumes de investimentos classificadas na rubrica de material de transporte que pela sua dimensão atingiram de forma significativa a evoluo do valor agregado das compras a fornecedores residentes no estrangeiro, fenmeno comparável a outro já registado em 2010.

### Importaces e Exportaces a preços correntes

ndice base 2005=100

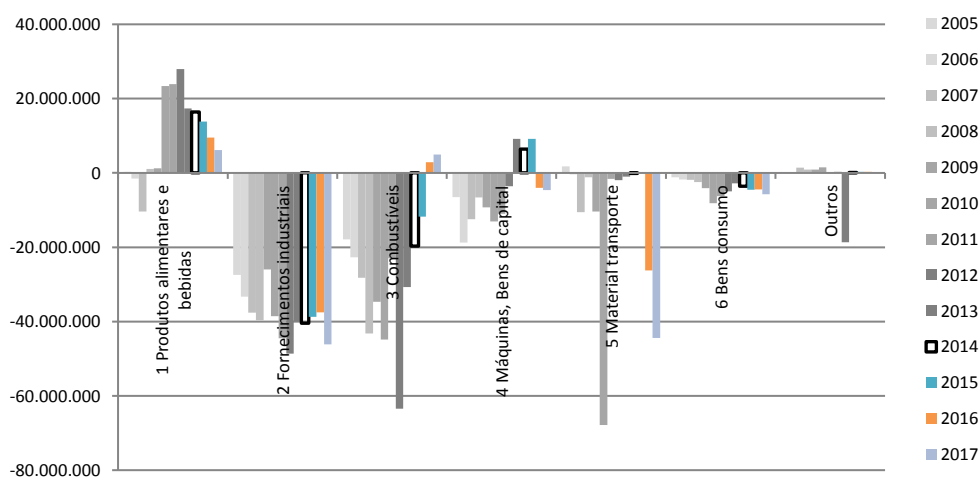


Decompondo as trocas pelas grandes categorias de produtos e bens transacionáveis continua a verificar-se que os produtos alimentares e bebidas representam a componente mais significativa em termos de volume de operações comerciais e de resultados económicos na forma de saldos positivos.

Fornecimentos industriais decorrem de despesas e projetos de investimento, revelando um padrão relativamente regular.

Os combustíveis também se evidenciam pela dimensão e função de abastecimento que desempenham, mas já revelam um padrão mais variável, provavelmente por incluir efeitos significativos decorrentes de flutuação de preços.

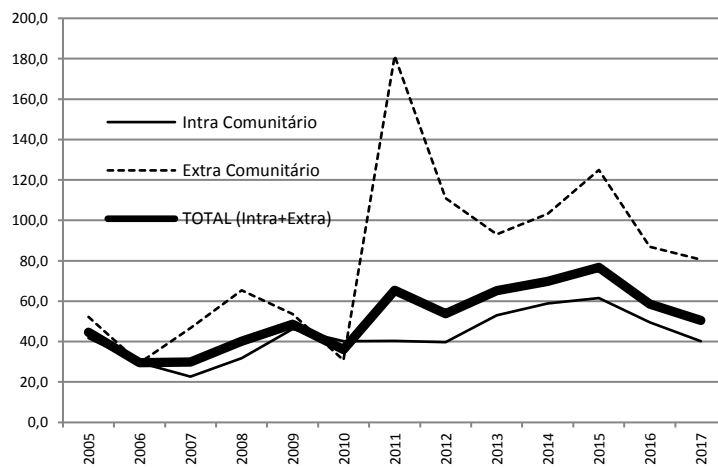
**Comércio Internacional, saldos por grandes categorias**



Decompondo as trocas com mercados estrangeiros segundo os grandes espaços, Intra e extra comunitário, verifica-se que o primeiro regista uma evolução mais próxima da evolução geral. Este fenómeno corresponderá a um compreensível efeito de condicionamento decorrendo do peso estrutural que ocupa.

Entretanto, nas trocas com países que não pertencem à União Europeia, onde se incluem certos países de língua oficial portuguesa e outros com núcleos de emigração expressiva, tem-se revelado maiores níveis de cobertura das importações pelas exportações, atingindo-se mesmo saldos positivos com taxas de cobertura superiores a 100%.

### Taxas de cobertura, por grandes espaços







## 10. TURISMO

A evoluo do turismo, medida pelos dados empíricos recolhidos pelo Serviço Regional de Estatística dos Açores junto dos estabelecimentos de hotelaria, vem prosseguindo uma trajetória de expansão.

Efetivamente, a taxa de ocupao média no último ano atingiu 46,1 %, superior à do ano anterior que, por sua vez, representara uma superao dos níveis máximos atingidos antes da crise de 2008, quando se situavam na casa de 30 %.

O nível de ocupao atingido  tanto mais significativo, quanto além do crescimento da procura medida em dormidas também se tem verificado investimentos na capacidade e composio da oferta de alojamento que, medida em número de camas nos estabelecimentos hoteleiros, atinge níveis de crescimento na ordem de 7% ao ano.

Assim, a evoluo recente da atividade, turística tem revelado um processo de crescimento da procura em conjugao com o aumento da capacidade e composio na estrutura da oferta.

### Oferta e Procura na Hotelaria

Ano	Capacidade (1)			Dormidas			Taxa de Ocupao
	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Total	Hotelaria Tradicional	Turismo em espaço rural	Total	
2007	8 153	609	8 762	1 184 375	19 679	1 204 054	37,5
2008	8 339	721	9 060	1 127 513	18 541	1 146 054	34,6
2009	8 566	820	9 384	1 004 804	20 603	1 025 407	30,1
2010	8 305	844	9 149	1 035 031	24 831	1 059 862	31,7
2011	8 465	822	9 287	1 033 525	23 049	1 056 574	30,9
2012	8 368	845	9 213	957 740	28 883	983 623	29,0
2013	8 267	943	9 210	1 054 112	36 639	1 090 751	32,1
2014	8 435	910	9 345	1 063 887	39 756	1 103 643	32,0
2015	8 687	905	9 592	1 272 430	46 790	1 319 220	37,0
2016	9 306	912	10218	1 543 595	51 361	1 594 956	42,8
2017	9 909	1 034	10 943	1 787 468	53 734	1 841 202	46,1

(1) Média anual da oferta mensal de camas.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

O perfil da procura incorpora na sua evolução uma componente que se vem delineando desde a retoma do ciclo de crescimento da economia portuguesa a partir de 2013.

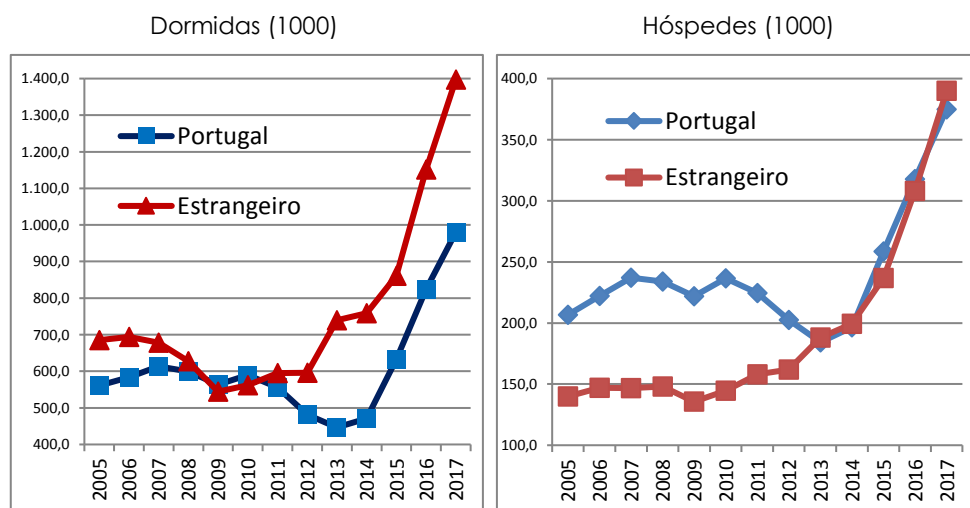
De facto, a partir desta fase da conjuntura portuguesa o crescimento da procura por parte de hóspedes residentes em Portugal agregou-se ao dos hóspedes residentes no estrangeiro que já se vinha delineando numa fase anterior, isto é, a partir de 2008/2009 na sequência da recuperação da crise económica internacional.

Nos últimos anos as intensidades de crescimento de residentes em Portugal e no estrangeiro vêm sendo comparáveis em termos absolutos.

Todavia, verifica-se uma diferença significativa no facto de a estada média por hóspede estrangeiro ser maior, implicando um volume de dormidas também proporcionalmente maior.

Efetivamente o número de hóspedes reparte-se de forma idêntica entre residentes em Portugal e no estrangeiro cerca de 50% para cada agregado, mas na repartição do número de dormidas a proporção já não é idêntica, correspondendo grosso modo a 40% e 60% respetivamente.

**Procura – Principais Mercados**  
segundo a residência / nacionalidade



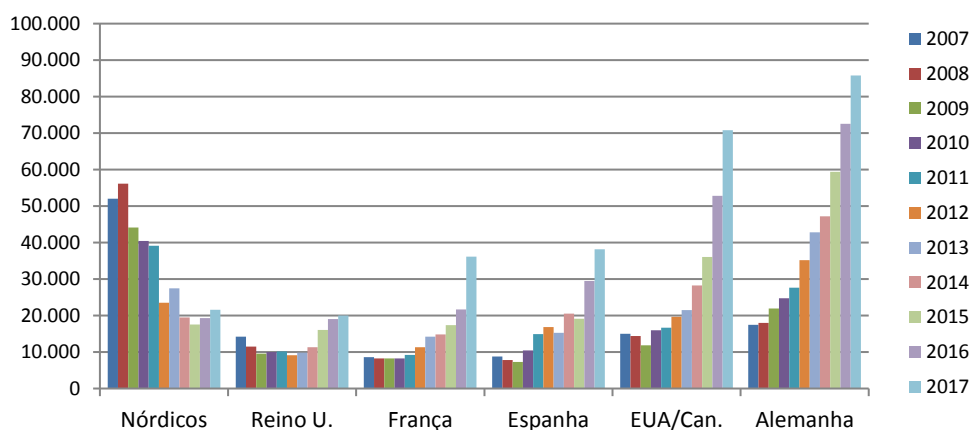
Decompondo a evolução da procura por parte de hóspedes residentes, no estrangeiro e segundo os respetivos países de origem, registam-se

crecimentos absolutos significativos, mesmo entre países com peso menor em termos de quota de mercado.

Incidindo a observação nos mercados mais significativos verifica-se que se em países como a Alemanha e EUA/Canadá se registaram variações de crescimentos na sequencia das linhas de progressão observadas em anos recentes, no caso da França destaca-se um acréscimo nitidamente mais elevado do que a sua tendência relativamente mais moderada que a evolução dos anos imediatamente anteriores faria supor.

No mercado dos países Nórdicos o crescimento situa-se aparentemente num contexto de estabilização à volta de um patamar na ordem de 20 milhares de hóspedes/ano.

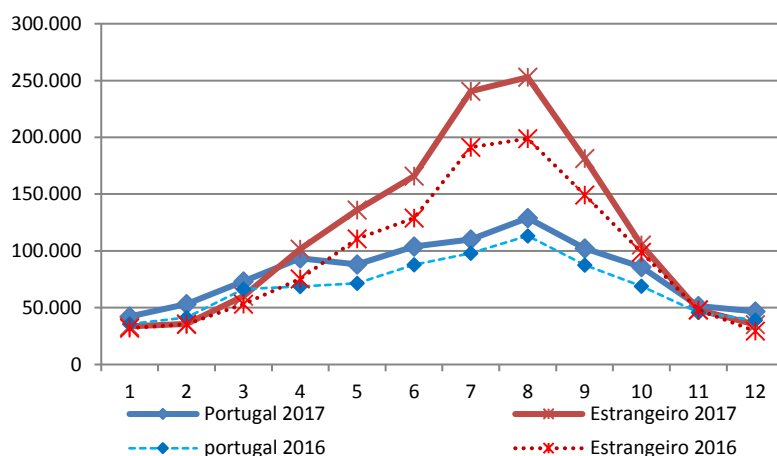
#### Hóspedes segundo mercados estrangeiros emissores



Observando a distribuição das dormidas ao longo do período anual verifica-se de forma imediata que a sua concentração nos meses de época alta atinge o seu máximo no mês de agosto, sendo particularmente evidente no caso de clientes do estrangeiro.

Analisando mais em pormenor a evolução da distribuição mensal durante o ano de 2017 em relação ao ano anterior, verifica-se que também no caso dos clientes do estrangeiro o crescimento foi proporcionalmente mais intenso, nos meses de época alta, ao passo que no caso dos clientes com residência em Portugal o crescimento ocorre de forma mais equilibrada ao longo do ano, não agravando a sazonalidade.

### Evolução da Sazonalidade



A exploração das unidades hoteleiras manteve-se na linha de recuperação que já vinha evidenciando anteriormente.

Efetivamente, durante o ano de 2017 as receitas e as despesas com pessoal registaram crescimentos significativos em relação ao ano anterior, quando em fase ascendente de ciclo já tinham superado os valores máximos atingidos antes da crise financeira internacional despoletada em 2008.

Os crescimentos de resultados na exploração hoteleira decorreram naturalmente da evolução da procura efetiva, mas também beneficiaram da evolução de preços favoráveis nas diárias por noite de entrada, atingindo por si próprios crescimentos na ordem de taxas médias anuais superiores a 6%.

### Exploração das unidades hoteleiras

Unidade: 1 000 euros

Anos	Receitas totais	Receitas de aposentos	Despesas com pessoal
2007	56 115,1	39 320,7	18 957,3
2008	56 266,0	39 639,0	20 206,0
2009	50 578,2	36 621,5	20 349,1
2010	50 389,2	36 772,9	18 137,0
2011	48 242,9	35 104,9	19 028,8
2012	43 445,1	31 821,3	17 143,8
2013	46 450,0	34 321,7	16 684,7
2014*	46 215,6	34 294,1	17 258,7
2015*	55 997,4	41 844,8	19 994,8
2016*	72 563,7	53 507,8	23 742
2017*	89 946,7	65 747,7	28 110,0

\* Neste ano não são incluídos dados sobre casas de hóspedes  
 Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.

Observando numa perspetiva de síntese e de estrutura os dados relativos aos estabelecimentos de hotelaria  possível encontrar elementos de caracterizaco e diferenciação entre as unidades de hotelaria tradicional e as de turismo em espaço rural.

Os dados sobre estabelecimentos de hotelaria tradicional revelam atratividade absoluta elevada associável  sua dimensão em termos de alojamento e de pessoal ao serviço, facilitando uma procura proporcionalmente superior, mais em número de hóspedes do que de dormidas.

Já no turismo em espaço rural evidencia-se uma relativa atração por residentes no estrangeiro que vêm mais na época alta, mas geram uma certa margem positiva em termos de proveitos por aposento.

#### Dados de síntese e estruturas

Distribuição de variáveis em 2017, por tipologia e em percentagem

Variáveis	Hotelaria Tradicional	Turismo em Espaço Rural	Total
Estabelecimentos .....	55,0	45,0	100
Capacidade de alojamento .....	92,9	7,1	100
Pessoal ao serviço .....	95,4	4,6	100
Hóspedes .....	97,5	2,5	100
Dormidas (total) .....	97,1	2,9	100
Dormidas (resid. estrangeiro) .....	96,1	3,1	100
Dormidas (poca baixa *) .....	98,8	1,2	100
Proveitos totais .....	97,4	2,6	100
Proveitos de aposento.....	96,7	3,3	100
Despesas com pessoal .....	98,5	1,5	100

\* Para efeitos de cálculo consideraram-se o 1.º e o 4.º trimestres.

Fonte: SREA, Estatísticas do Turismo.



## 11. TRANSPORTES

Os dados de tráfego nos transportes coletivos terrestres revelam um ligeiro acréscimo no último ano em relação ao ano anterior.

Este acréscimo decorreu da evolução no tráfego interurbano, mas entre paragens mais próximas, já que o mesmo tráfego medido em termos de distancia percorrida (unidade de passageiro/Km) pelo contrario, reduziu-se.

Atendendo que o tráfego nas carreiras urbanas também se reduziu, deduz-se que o crescimento ocorreu em zonas já fora dos centros urbanos, mas relativamente próximas dos mesmos.

### Tráfego de Passageiros nos Transportes Coletivos Terrestres

Carreiras		2012	2013	2014	2015	2016	2017
<i>Interurbana</i>	7 414	7 623	7 297	7 338	7 349	7 338	7 509
	81 468	85 460	79 838	81 293	81 561	81 293	77 456
<i>Urbana</i>	1 355	1 478	1 429	1 379	1 325	1 379	1 263
	8 362	9 082	8 349	7 934	7 564	7 934	7 249

1000 Passageiros.

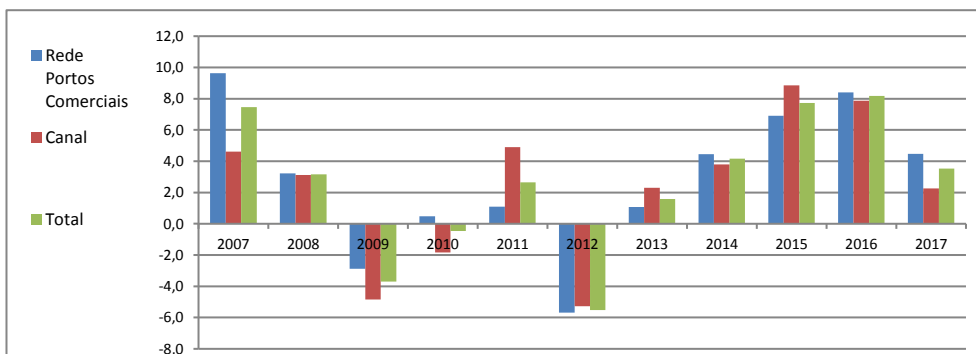
Fonte: SREA.

O crescimento do movimento de passageiros nos portos comerciais revelou uma desaceleração em 2017, tendo registado neste ano uma taxa média anual de 2,9% enquanto no ano anterior se situava à volta de 8%.

A moderação foi mais acentuada nos movimentos do canal, mas não registou efeitos em termos da sua representatividade, continuando os movimentos entre aqueles dois portos, o da Horta e o da Madalena, com um peso de cerca de 42% no total dos portos comerciais da Região Autónoma dos Açores.

### Movimento de Passageiros nos Portos Comerciais

Taxas médias de variações anuais



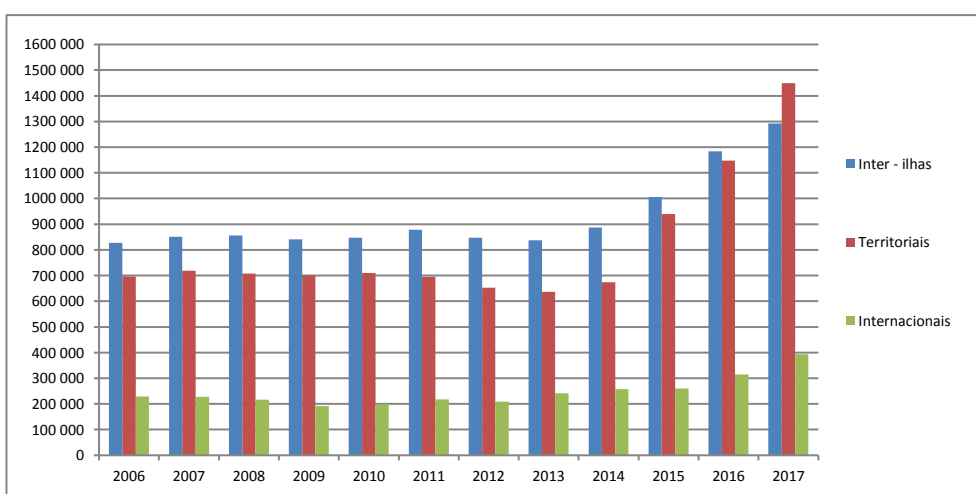
Já o crescimento de passageiros nos aeroportos continuou a revelar elevadas taxas de variações anual, registando-se em 2017 a média de 18,4%.

Neste ano de 2017, e á semelhança do ano anterior, os movimentos de passageiros com o exterior do arquipélago registaram crescimentos mais intensos do que os movimentos inter-lhas.

Além disso, assinala-se o caso de Tráfego Territorial que, com uma taxa média anual de 26,2% contribuiu para a elevada taxa global e atingiu um volume superior ao do segmento inter-ilhas, deixando este de ser o mais representativo.

### Movimento de Passageiros nos Aeroportos, segundo o tipo de tráfego

Passageiros Embarcados + Desembarcados





O volume de cargas movimentadas nos portos comerciais atingiu um total de 2.370,8 mil toneladas durante o ano de 2017, representando uma taxa de crescimento anual de 1,9%, dentro da trajetória de crescimento observável nos anos mais recentes.

As cargas movimentadas nos aeroportos registaram um decréscimo em 2017, acentuando a sua reduzida escala em termos de volume de cargas movimentadas.

### Cargas Movimentadas

1 000 Ton.

	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Aeroportos ...	8,6	7,9	8,3	2 131,2	8,9	8,7
Portos .....	2 317,6	2 168,8	2 084,0	2 129,9	2 327,4	2 370,8
<b>Total.....</b>	<b>2 326,2</b>	<b>2 176,7</b>	<b>2 092,3</b>	<b>2 139,8</b>	<b>2 336,3</b>	<b>2 379,5</b>

Fonte: SREA.

O número de automóveis vendidos durante o ano de 2017 traduziu-se num total de 4350 veículos novos.

O segmento mais expressivo dos automóveis ligeiros, que representa cerca de 85% de veículos vendidos no mercado açoriano, também registou a taxa média anual de crescimento mais elevado, de 7,4%. A esta taxa elevada não  estranha a procura por parte das empresas de "rent car". O segmento de comerciais cresceu no mesmo período 1,1%.

### Automóveis Novos Vendidos, por Tipo e por Ano

Unid.: N

	2010	2013	2014	2015	2016	2017
<b>Total.....</b>	<b>1 967</b>	<b>2 113</b>	<b>2 410</b>	<b>3 095</b>	<b>4 093</b>	<b>4 350</b>
Automóveis Ligeiros .....	1 614	1 768	2 003	2 558	3 387	3 636
Passageiros.....	1 608	1 758	2 001	2 554	3 384	3 632
Mistos.....	6	10	2	4	3	4
Automóveis Comercias..	353	345	407	537	706	714

Fonte: SREA, Séries Estatísticas e Boletim Trimestral de Estatística.



## 12. EDUCA O

As matriculas no ensino regular e em outras modalidades agregaram um total de 46 516 alunos no ano letivo de 2106/17. Este número de alunos voltou a representar um decréscimo de maior volume no ensino regular mas também registou varia es significativas nas outras modalidades.

O decréscimo no ensino regular começou a observar-se por efeitos de origem demográfica nos anos iniciais de entrada no sistema educativo, mas presentemente abrange as diversas fases do ensino regular e obrigatório. Mesmo no ensino secundário que foi abrangido pela obrigatoriedade mais recentemente também já revela decréscimos de alunos.

### Matriculas nas Escolas da Região, por Ano de Escolaridade

Ensino Oficial e Particular

Unid.: N 

Anos Letivos	Ensino Regular						Outras modalidades de ensino						TOTAL
	Creche	Jl	1.� C�cio	2.� C�cio	3.� C�cio	Secund�rio	Ensino Recorrente	Programa Oportunidade	PROFIJ	Ensino Profissional	Outros	PEREE	
2014/15	1 468	7 539	11 811	6 053	8 276	5 456	272	1 217	1 472	3 547	768	760	48 639
2015/16	1 641	7 341	11 477	5 737	8 146	5 335	241	661	1 506	3 531	982	1 002	47 600
2016/17	1 571	7 166	11 089	5 402	7 829	5 228	201	484	1 461	3 456	1 121	1 508	46 516

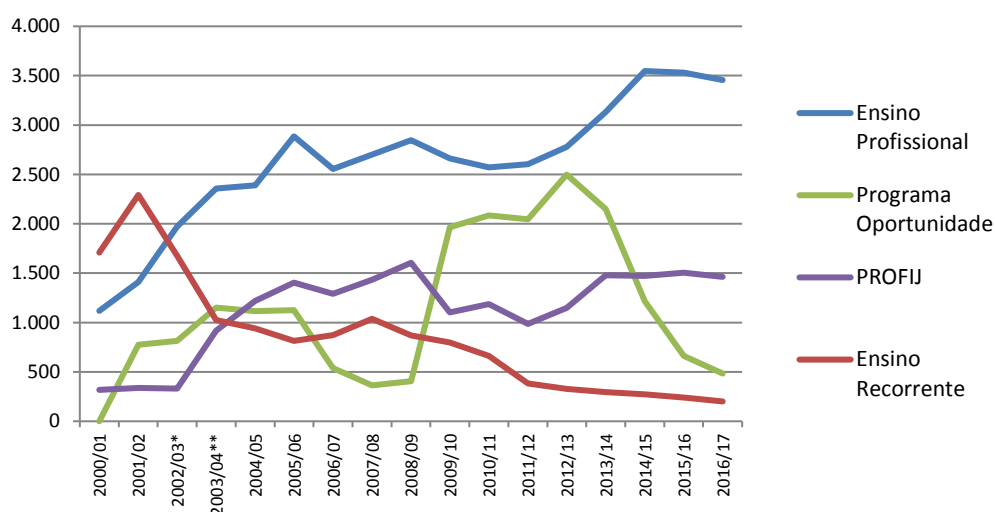
Fonte: Dire o Regional da Educa o.

As outras modalidades de ensino foram sendo estruturadas no sentido de procurar ajustamentos da forma o escolar regular a forma es mais próximas de necessidades de mercado em termos de empregabilidade.

Os dados mostram varia es que são compreensíveis   luz de condi es experimentais e de procura de alternativas, mas há sinais que apontam no sentido de um padrão mais estabilizado.

As modalidades de Ensino Profissional e do PROFIJ começam a revelar números de matrículas à volta de, respetivamente, 3 500 alunos e 1 500 alunos.

**Outras Modalidades de Ensino**  
por ano letivo



Observando as taxas de escolarização segundo as idades dos alunos matriculados torna-se evidente um núcleo central formal pelos grupos etários associáveis ao primeiro, segundo e terceiro ciclos onde é atingido o limite dos 100%.

Fora do núcleo central nota-se progressão em faixas associáveis ao secundário já obrigatório com aproximações significativas aos 100%. A partir dos últimos escalões, nomeadamente dos 18 anos e 19 anos a taxa de escolarização do ensino oficial e particular do sistema de ensino na Região Autónoma dos Açores começa a perder significado com as transições para o ensino superior ou, então, para o mercado de trabalho.

Nos grupos etários associáveis a matrículas nas creches, nomeadamente aos 3 anos e 4 anos, nota-se uma progressão relativamente acentuada e, também, com margem para ainda crescer.

**Taxas de Escolarização por Idades e Anos Letivos**

Ensino Oficial e Particular

IDADES	%							
	2009/10	2010/11	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
3 anos.....	65,7	64,4	65,6	68,1	66,8	66,9	70,4	73,8
4 anos.....	88,5	88,7	89,2	91,0	90,2	92,5	88,3	89,6
5 anos.....	98,6	97,5	97,2	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
6 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
7 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
8 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
9 anos.....	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
10 anos...	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
11 anos...	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
12 anos...	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
13 anos...	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
14 anos...	100,0	100,0	100,0	99,5	99,0	100,0	100,0	98,4
15 anos...	100,0	100,0	97,8	95,5	99,9	99,5	98,3	99,1
16 anos...	90,3	92,8	92,4	92,9	97,2	100,0	96,8	96,7
17 anos...	78,0	78,5	79,6	81,3	93,5	95,4	95,1	89,8
18 anos...	44,7	46,9	48,8	49,3	51,6	56,5	56,2	54,9
19 anos...	26,0	24,9	26,7	27,7	28,4	28,5	29,9	29,2

Fonte: Direção Regional da Educação.

O aproveitamento escolar medido pelas taxas de transição ou de conclusão de ano de escolaridade por ciclo registou progressões em todos os ciclos.

Entretanto se alguns ciclos apresentam taxas que superam os 90%, as do 12º ano registaram 76,2%. Esta diferença de níveis de aproveitamento aponta no sentido de uma certa associação e de certos efeitos da extensão da obrigatoriedade do ensino ao 12º ser ainda recente.

**Aproveitamento Escolar, por Ano de Escolaridade (a)****Taxas de Transio ou de Conclusão**

Ensino Oficial e Particular – Currículo Regular

Ano de Escolaridade	%					
	2011/12	2012/13	2013/14	2014/15	2015/16	2016/17
4º	81,9	80,8	86,9	87,5	91,9	93,6
6º	83,6	80,1	80,6	86,7	90,2	96,6
9º	77,8	72,1	76,9	81,5	85,9	90,3
12º	57,7	60,6	60,4	69,2	67,3	76,2

a) Consideraram-se como representativos os anos terminais de cada ciclo do ensino básico e secundário.

Fonte: Direo Regional da Educao - Estatísticas da Educao.

Os últimos dados disponíveis registam a oferta do sistema de ensino oficial com 40 unidades orgânicas, 176 edifícios escolares, 2 943 espaços escolares (salas, laboratórios, ginásios, etc.) e 4 852 professores.

A distribuio destes dados por ilha decorre de fatores relativos  dimensão da procura escolar (nº de alunos) e  localizao territorial em funo de acessibilidades.

As unidades orgânicas vêm assegurando a estrutura base de enquadramento dos meios e recursos escolares. Efetivamente, verificam-se ajustamentos em termos de equipamentos e, principalmente, de reforço/valorizao através do pessoal docente.

**Distribuio por ilhas**

Ensino Oficial – 2014/2015

	Unid.: Nº									
	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	AÇORES
Unidades orgânicas...	1	21	7	1	3	3	2	1	1	40
Edifícios Escolares.....	6	90	35	5	9	16	11	3	1	176
Espaços Escolares*.....	77	1 568	710	72	113	168	165	58	12	2.943
Pessoal docente.....	138	2 827	993	83	184	284	242	79	22	4.852

\* Dados ainda relativos ao ano anterior.

Fonte: Direo Regional de Educao.

### 13. DESPORTO

As inscrições nas associações desportivas corresponderam a 23 445 atletas em 2017, o que representa um acréscimo de 0,3% em relação ao ano anterior.

O enquadramento desportivo destes praticantes continua a beneficiar do acompanhamento de técnicos e de dirigentes, cujo número cresceu de forma proporcionalmente mais intensa.

Apesar do acréscimo de praticantes registou-se um decréscimo do número de equipas ou grupos de praticantes, verificando-se também uma redução do número de árbitros.

#### Evolução desportiva

Unid.: N<sup>o</sup>

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Atletas .....	23 261	23 802	23 619	23 112	23 001	23 337	23 445
Técnicos .....	1 124	1 116	1 065	979	1 031	1 060	1 069
Árbitros ou Juízes .....	1 049	1 028	1 043	918	1 038	1 223	920
Dirigentes ou Outros Agentes.....	1 731	1 816	1 778	1 800	1 860	1 813	1 844
Clubes ou Entidades <sup>a)</sup>	404	462	396	394	396	392	399
Equipas ou Grupos Praticantes.....	1 184	1 226	1 243	1 221	1 144	1 251	1 233

a) Somatório obtido a partir das diversas modalidades implica dupla contagem, já que há algumas modalidades praticadas num mesmo clube.

Fonte: Direção Regional do Desporto.

Na distribuição segundo as modalidades desportivas a progressão do futsal destaca-se pela sua intensidade em relação às outras modalidades, nomeadamente em relação ao futebol de 11.

Todavia mais recentemente vem dando sinais de alguma desaceleração ou mesmo estabilização.

O ciclismo não é uma modalidade muito representativa em termos de número de praticantes, nem de intensidade de crescimento, mas evidencia-se pela regularidade de crescimento.

Mais recentemente tem-se observado um fenómeno comparável com o ténis, que tem mantido um crescimento regular nos últimos 5 anos.

## Indicadores – poca de 2017

Unid.: N

Modalidades	Atletas	Técnicos	rbitros/ Juizes	Dirigentes / outros agentes	Clubes/ Enti- dades a)	Equipas/ Grupos Prati- cantes	N jogos/ provas locais	N Part. provas rgionais	N Part. provas na- cionais	Dura- o da época	Conc.	
Andebol	683	27	29	38	9	45	247	289	144	6	6	
Atletismo	1.310	49	128	76	30	61	893	464	199	8	10	
Automobilismo	265	0	143	0	b)							
Badminton	421	10	10	5	8	23	193	0	19	7	6	
Basquetebol	1.663	81	103	61	24	122	628	279	391	8	7	
Canoagem	169	13	8	17	9	3	163	91	7	7	7	
Ciclismo	534	27	19	97	20	15	443	117	133	10	5	
Columbofilia	35	0	4	19	2	2	0	24	0	5	2	
Dana Desportiva	188	7	2	2	7	2	119	0	70	8	2	
Equitao	223	5	10	2	4	5	177	61	11	4	4	
Esgrima	37	1	0	0	1	1	0	109	14	9	1	
Futebol de 11	4.721	277	146	743	53	225	2.901	577	298	9	17	
Futsal	2.494	140	114	354	51	164	1.889	508	210	9	15	
Ginástica Aeróbica	191	6	6	0	2	15	60	170	75	6	2	
Ginástica Rítmica	68	4	3	4	1	5	27	19	7	6	1	
Golfe	461	4	1	16	2	40	139	316	89	11	2	
Hóquei em Patins	248	16	23	35	4	24	107	125	87	6	3	
Jetski	36	4	0	1	3	1	35	48	13	6	3	
Judo	1.114	42	63	38	12	57	190	193	199	7	8	
Karat	857	48	87	19	21	17	378	210	116	9	14	
Kickboxing/Full- Contact	276	14	14	12	7	9	27	104	37	5	5	
Motociclismo	60	0	0	0	3	4	12	21	13	5	3	
Natao	765	32	45	5	11	70	210	535	72	9	8	
Parapente	35	0	0	0	b)							
Patinagem Artística	403	14	66	3	8	24	171	68	47	10	3	
Patinagem Velocidade	303	6	38	3	5	0	193	71	46	9	5	
Pesca Desportiva	29	0	0	1	2	b)						
Pesca Desportiva Alto Mar	16	0	0	4	1	1	2	0	24	2	1	
Surf	96	3	6	9	8	1	15	197	20	9	3	
Tnis	700	17	3	29	10	46	70	300	89	6	7	
Tnis de Mesa	877	43	45	67	16	56	796	122	344	7	9	
Tiro com Armas de Caa	76	0	0	0	5	5	72	39	3	10	5	
Tiro com Arco	14	1	1	37	1	0	32	0	2	11	1	
Tiro de Preciso	223	11	19		4	18	160	119	51	10	4	
Triatlo	2	0	0	0	b)							
Vela	493	22	7	7	11	26	91	202	50	5	5	
Voleibol	3.078	123	67	86	30	159	2.189	756	284	7	14	
Xadrez	208	12	6	10	7	5	15	145	39	6	5	
<b>TOTAL</b>	<b>23.377</b>	<b>1.060</b>	<b>1.223</b>	<b>1.813</b>	<b>392</b>	<b>1.251</b>	<b>12.632</b>	<b>6.258</b>	<b>3.190</b>			

a) O total não corresponde ao somatório da coluna mas sim ao total de clubes existentes, já que muitos desenvolvem mais de uma modalidade.

b) As Associaoes (ou clubes) das modalidades em causa não têm a obrigatoriedade de nos enviar o registo da atividade local regional ou nacional por não terem celebrado qualquer contrato-programa com a DRD.

Fonte: Direo Regional do Desporto.

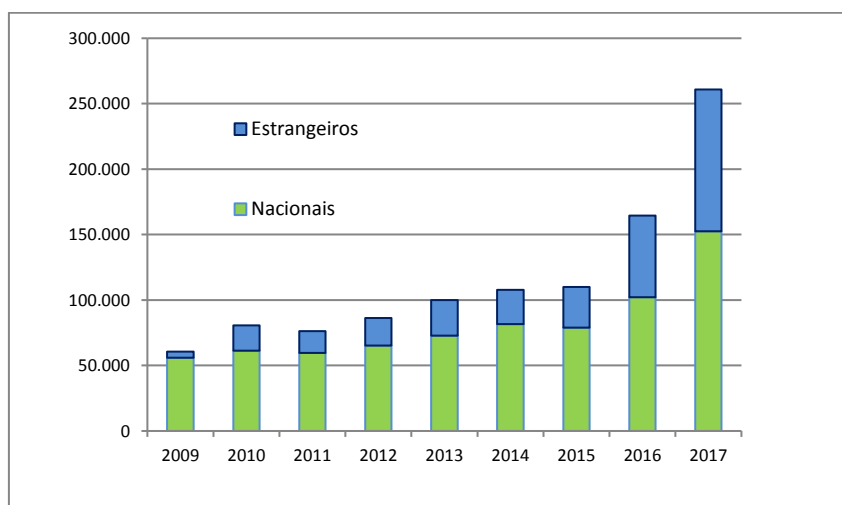


## 14. CULTURA

A evoluo recente da procura de visitantes  rede de museus da Região Autónoma dos Açores revela uma intensificao extraordinária que representa um salto de crescimento face  linha de tendência que vinha registando anteriormente.

De níveis de procura na ordem de 100 mil visitantes atingiu em apenas dois anos um volume de 250 mil visitantes. Para esta evoluo contribuíram de forma significativa os visitantes residentes em Portugal, mas a revelao mais expressiva na fase inicial concretizou-se por parte de residentes em países estrangeiros.

**Visitantes aos museus,**  
Segundo a nacionalidade

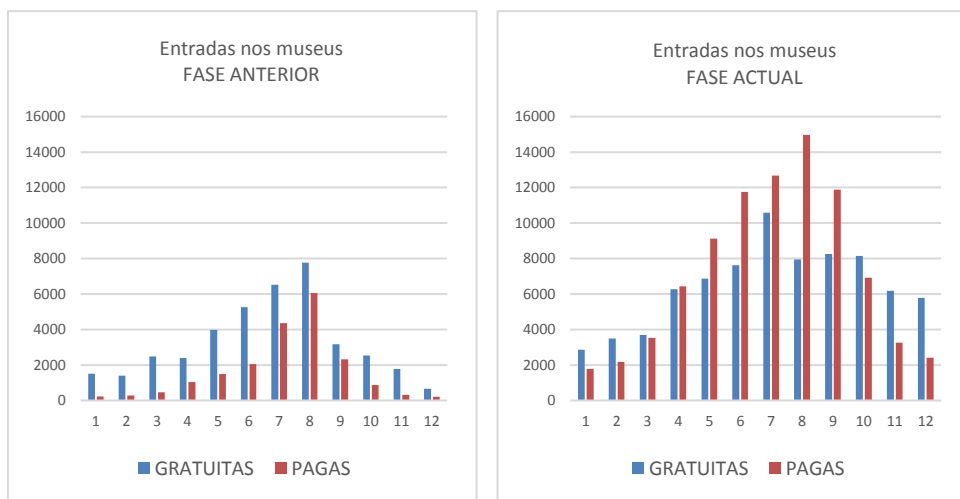


A decomposio intra-anual da procura segundo as formas de entrada serem, ou não, pagas revela uma mudança significativa da fase atual em relao  fase anterior mais próxima de estruturas iniciais de instalao e arranque com procura por parte de visitantes com residência nas próprias áreas e povoaoes onde os museus ficaram sedeados.

Isto , para além de efeitos em termos de volumes globais e de sazonalidades, as visitas com entradas pagas começaram a superar o

número das entradas gratuitas, coincidindo particularmente com meses de época alta turística.

### Distribuição mensal de visitantes



Os últimos dados das bibliotecas públicas e dos arquivos sobre as solicitações de consultas por parte dos respetivos utilizadores mostram que há documentos solicitados mais do que uma vez.

De fato, no último ano, cerca de 93 milhares de documentos forma solicitados por mais de 100 milhares de utilizadores.

### Bibliotecas e arquivos públicos regionais - 2017

#### Utilizadores e documentos consultados

Unid.: N°

Organismo	Utilizadores	Documentos
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo .....	38 103	36 210
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada .....	44 368	42 534
Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça – Horta .....	24 189	14 732
<b>Total</b>	<b>106 660</b>	<b>93 476</b>

Fonte: DRC

Agremiações e grupos culturais com finalidade de execução musical (filarmónicas) e de dança têm mantido uma presença com implantação territorial interessante que se traduz na atividade de cerca de 100 filarmónicas e 65 grupos folclóricos.

A representação cénica através de grupos de teatro apresenta um nível de implantação mais restrito.

### Agremiações e grupos culturais

Unid.: N°

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Filarmónicas.....	0	36	24	4	14	13	8	1	1	101
Grupos de Folclore .....	2	25	19	1	2	9	6	1	0	65
Grupos de Teatro .....	0	7	3	1	1	2	2	1	0	17

Fonte: DRC.



## 15. SAÚDE

As consultas realizadas nos Centros de Saúde e nos Hospitais da Região Autónoma dos Açores traduziram-se durante o ano de 2017 num total de 806 mil atos clínicos, representando um crescimento em relação ao ano anterior à taxa média de 2,6%.

Já o total de 322 mil urgências realizado naquele mesmo período corresponde a um decréscimo de -6,3%.

Estes números registam um fenómeno diferente do que vinha sucedendo nos últimos anos com a tendência da procura a dirigir-se para serviços hospitalares e de urgência, funcionando como alternativa ao atendimento de serviços em centros de saúde.

### Consultas e Urgências

	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Consultas.....	605 909	616 186	642 519	724 289	789 878	806 396
Centros de Saúde*	334 749	308 883	332 051	402 085	444 953	464 101
Hospitais.....	271 160	307 303	310468	322 204	344 925	342 295
Urgências.....	340 160	341 461	331 454	338 053	347 548	322 231
Centros de Saúde..	187 811	163 783	152 808	146 285	150 459	135 160
Hospitais.....	152 349	177 678	178 646	191 768	197 089	187 071

\* Inclui consultas no Centro de Oncologia.

Fonte: Direção Regional de Saúde.

No que respeita a serviços de internamento de doentes para tratamento nos hospitais e centros de saúde registou-se uma procura de 29 milhares de entradas que implicaram 181 mil dias de permanência.

Estes dados traduzem-se numa demora média de 6,2 dias, relativamente inferior à do ano anterior e que aliviaria a intensidade de utilização dos respetivos serviços de saúde.

Todavia, e por outro lado, uma redução significativa na capacidade de oferta, medida pela lotação disponível, implicou um nível de utilização

relativamente maior, traduzindo-se numa taxa de ocupação de 59,7% enquanto no ano anterior fora de 57,2%.

#### Internamento

	2011	2013	2014	2015	2016	2017
Doentes .....	29 309	29 225	27 889	27 361	27 708	29 296
Dias .....	206 293	198 153	191 303	176 529	180 121	181 442
Lotação .....	987	975	964	848	863	832
Demora média (dias) ..	7,0	6,8	6,9	6,5	6,5	6,2
Taxa de ocupação (%)	57,3	55,7	54,4	57,0	57,2	59,7

Fonte: Direção Regional de Saúde.

Os meios complementares de diagnóstico, com utilização frequente nos hospitais, atingiram um total de 4,2 milhões durante o ano de 2017, crescendo à taxa média anual de cerca de 3%.

Já os meios complementares de terapêutica continuaram a registar volumes com variações e intensidades de execução mais moderados, sendo objeto de utilizações mais frequentes nos centros de saúde.

#### Meios Complementares

	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Diagnóstico ...	3 711 937	3 762 416	3 773 193	3 869 283	4 125 880	4 258 450
Terapêutica ...	897 054	791 096	904 648	1 336 586	1 210 832*	1 235 164
Total .....	4 642 822	4 582 633	4 677 841	5 205 869	5 336 712	5 493 614

\* Dados parciais. Não estão incluídas todas as unidades de saúde.

Fonte: Direção Regional de Saúde.

Os 5 058 profissionais ativos no sistema regional de saúde em 2017, representa um crescimento à taxa média de 1,4% em relação ao ano anterior.

Para esta evolução positiva contribuíram os grupos profissionais de enfermeiros e de técnicos de diagnóstico e terapêutica à taxa média anual de 3,2% e de 6,2%, respetivamente.

**Pessoal**

	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Médicos.....	531	565	580	574	599	588
Enfermeiros.....	1459	1449	1 459	1 448	1 545	1 595
Técnicos de diagnóstico e terapêutica	306	308	315	325	323	343
Outro pessoal.....	2 367	2 347	2 354	2 417	2 522	2 532
Total .....	4 663	4 669	4 708	4 764	4 989	5 058

A rede de serviços regionais de saúde distribui-se entre as diversas ilhas com base nas respetivas unidades orgânicas que se estruturam e desenvolvem em função de opções de potencialidade e abrangência territoriais.

Serviços de medicina curativa e com maior intensidade operativa ocorrem de forma mais frequente nas ilhas com estabelecimentos de saúde mais diferenciados.

Serviços de atendimento mais próximo e de carácter mais preventivo encontram-se de forma mais acessível e dispersa territorialmente.

**Distribuição por ilhas 2017**

	SMA	SMG	TER	GRA	SJO	PIC	FAI	FLO	COR	Total
Consultas .....	17 316	430 762	178 050	17 974	25 120	43 439	83 140	13 424	2 760	811 985
Urgências.....	8 144	162 157	75 192	5 854	18 296	25 215	21 571	5 766	36	322 231
Doentes.....	525	18 452	5 714	155	694	340	3 124	292	0	29 296
Lotação .....	18	394	211	17	32	43	100	17	0	832
Diagnósticos.	86 217	2 327 145	1 024 756	68 881	108 201	228 845	362 763	56 390	252	4 258 450
Médicos .....	5	335	157	4	10	14	60	2	1	588

Fonte: Direção Regional de Saúde.





## 16. SEGURANÇA SOCIAL

Durante o ano de 2017, as receitas de segurança social atingiram o valor de 245,5 milhões de euros, incorporando um acréscimo à taxa média de 8,5%.

No mesmo ano, e por sua vez, as despesas cresceram com maior intensidade, atingindo uma taxa média anual de 10,0%.

Sendo assim, reduziu-se o saldo geral que se cifrou em 3,0 milhões de euros, enquanto no ano anterior se situara em 5,8 milhões de euros.

O sentido e a intensidade de variações destes saldos gerais (Receitas-Despesas) decorreram de despesas no âmbito da Ação Social e, principalmente, de administração e outras. De facto, no âmbito dos regimes contributivos, verificou-se até um crescimento no respetivo saldo. O valor das contribuições superou o das prestações dos regimes em 104,1 milhões de euros em 2017, enquanto no ano anterior fora de 97,7 milhões de euros.

### Receitas e Despesas Correntes

1 000 Euros

	2014	2015	2016	2017
Receitas.....	228 707	235 920	226 273	245 454
Contribuições.....	211 306	219 244	212 042	231 086
Rendimentos .....	1 428	1 086	980	830
Outras.....	15 973	15 590	13 251	13 588
Despesas .....	218 031	213 739	220 462	242 437
Prestações dos regimes* ...	118 218	110 105	114 282	126 975
Ação Social.....	64 013	64 353	64 717	66 509
Administração e outras .....	35 800	39 281	41 463	48 953
Saldo (Receitas – Despesas) .	10 676	22 181	5 811	3 017
Saldo (Contrib. –Prestaç.) .....	93 089	109 139	97 759	104 111

\* Conforme nova Lei de Bases.

Fonte: CGFSS.

Na estrutura das despesas das Prestaces de Regimes continuaram a destacar-se as rubricas de Reparticao – Regime Geral e a de Protecao Familiar, representando em 2017, respetivamente, 45,1% e 25,1%.

As rubricas de Rendimento Social de Insercao e de Subsido Social de Desemprego desempenham funcoes e aplicaces de recursos significativos na estrutura da despesa, mas durante o ano de 2017 ocuparam um papel relativamente mais moderado. Neste sentido assinala-se que o valor de 8,7 milhões de euros para o Subsido Social de Desemprego traduz mesmo um decréscimo nominal em relacão aos 9,0 milhões do ano anterior.

### Despesas – Prestaces dos Regimes

1 000 Euros

	2014	2015	2016	2017
Rendimento Social de Insercao.....	16 694	17 168	20 649	22 368
Subsido Social de Desemprego/provisório/majoraco .....	9 650	9 121	9 007	8 693
COMPAMID *.....	762	845	563	917
Regime Não Contributivo .....	1 691	1 567	1 825	2 097
Regime Transitório dos Rurais.....	0	0	0	0
Regime Especial de Seg. Social das Ati. Agrcolas .....	884	767	685	610
Subsido Social na Maternidade .....	1 158	1 159	1 141	985
Protecao Familiar .....	26 929	27 145	28 694	31 861
Prestaces Sociais .....	2 169	2 117	2 068	2 095
Reparticao - Regime Geral (Desemprego)	58 064	50 029	49 536	57 306
Polıticas Ativas de Emprego e Formaco Profissional.....	216	188	115	42
TOTAL.....	118 218	110 105	114 282	126 975

\* Complemento para aquisicao de medicamentos pelos idosos (DLR n4/2008/A, de 26 de fevereiro).

Fonte: CGFSS.

A Seguranca Social registou em 2017 um número de pensionistas que atingiu o total de 50 268 pessoas inscritas incorporando um crescimento à taxa média anual de 0,9%.

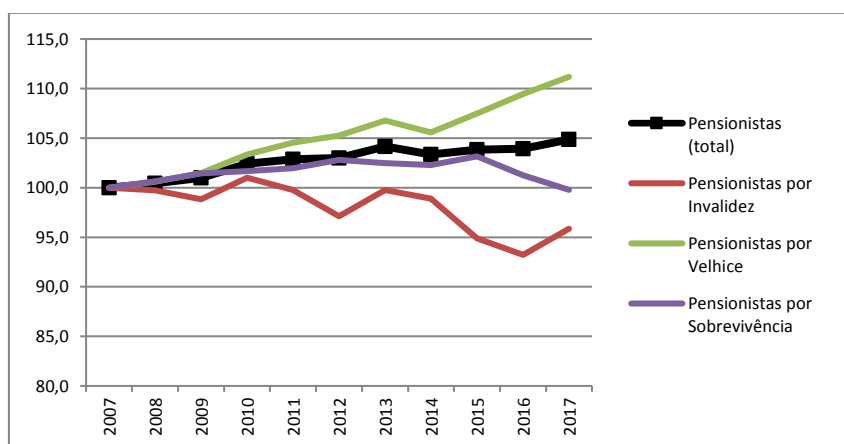
Para este volume total contribuiu principalmente a componente de pensionistas por velhice, que tem vindo a revelar-se a opcao mais frequente nos últimos anos e, assim atingindo em 2017 uma quota de 53,9% dos inscritos como pensionistas. O número de pensionistas por invalidez também

umentou em 2017, mas tem revelado uma tendência decrescente, representando os últimos dados uma quota de 16,8%.

O número de pensionistas por sobrevivência voltou a registar um decréscimo em 2017, mas tem revelado uma tendência relativamente neutra em termos de condicionar ou influenciar a evoluo geral.

### Pensionistas da Segurança Social

(ndice base 2007)



A estrutura das Despesas no âmbito da Ao Social em 2017 manteve-se idêntica  do ano anterior, tendo-se registado crescimentos em cada uma das diversas rubricas com intensidade idêntica  da evoluo geral.

De facto a taxa média de crescimento anual de 2,8% que o total de 66,5 milhões de euros em 2017 representa em relao ao total de 64,7 milhões de euros do ano anterior, também foi aplicada a cada uma das rubricas que formam o agregado, a saber: Infância e Juventude, Família e Comunidade, Invalidez e Reabilitao e, a última, Terceira e Idade.

### Despesas – Ao Social

1 000 Euros

	2014	2015	2016	2017
Infância e Juventude .....	30 314	29 996	30 158	30 993
Família e Comunidade .....	15 045	14 526	14 766	15 175
Invalidez e Reabilitao ....	5 514	6 034	6 074	6 242
Terceira Idade .....	13 141	13 797	13 719	14 099
Total .....	64 014	64 353	64 717	66 509

Fonte: CGFSS.



## 17. SOCIEDADE DA INFORMAO

No âmbito da Sociedade da Informaco e do conhecimento, o Inquérito  Utilizaco de Tecnologias da Informaco e da Comunicaco pelas famílias recolhe dados que basicamente se podem classificar em duas categorias. Uma sobre grau de cobertura e acessibilidade constituída pelos indicadores de posse de computador, ligaco  internet e banda larga. A outra categoria sobre o grau de utilizaco dos equipamentos constituída por dois indicadores, sendo o primeiro relativo a computadores e o segundo relativo  internet.

De uma forma geral continuam a verificar-se progressões das diversas tecnologias, mas começam a verificar-se sinais de desacelerao. Além disso os indicadores de internet têm vindo a progredir mais do que os de computadores. De facto, os indicadores de internet começam a superar os de computador, seja na categoria de cobertura/acessibilidade, seja na de utilizaco.

### Evoluco de Tecnologias de Informaco e de Comunicaco nos Agregados Domésticos - RAA

Unidade: %

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Posse de computador ...	56,0	61,2	64,8	67,3	67,5	71,5	75,5	79,9	75,8
Ligaco  Internet .....	46,7	54,0	59,6	64,1	66,3	70,0	75,9	79,9	84,2
Banda Larga.....	45,5	51,1	59,2	63,5	66,1	69,0	74,8	79,5	83,9
Utilizaco de computador.....	42,7	48,7	52,4	60,6	64,4	68,0	72,1	71,4	67,1
Utilizaco de Internet ....	36,8	44,6	50,3	58,5	63,1	67,0	71,0	71,4	75,8

Fonte: INE. / SREA.

Este tipo de evoluco observável nos Açores fará parte de fenmeno idêntico a nível do país.

De facto, os últimos dados para as regiões (NUTs II) do país mostram indicadores da internet superiores aos de computador, seja em termos de posse e ligao, seja de utilizao.

**Distribuio por Regiões, em 2017, de TICs  
nos Agregados Domésticos**

Unidade: %

	Posse de computador	Ligao à Internet	Banda Larga	Utilizao de computador	Utilizao de Internet
Portugal.....	71,5	76,9	76,4	66,8	73,8
Norte.....	68,3	74,4	73,6	60,4	69,1
Centro .....	69,1	72,4	72,1	64,2	69,9
Lisboa .....	79,2	85,5	85,0	78,3	83,9
Alentejo.....	61,9	66,7	65,8	63,4	70,2
Algarve.....	69,0	73,2	72,8	67,1	72,2
R. A. Açores .....	75,8	84,2	83,9	67,1	75,4
R. A. Madeira .....	74,3	81,3	80,9	65,0	75,9

Fonte: INE.

Se a utilizao da internet em geral já atinge níveis significativos, nos casos mais particulares de comércio eletrnico e de preenchimento/envio de formulários oficiais para organismos da administrao pública situa-se a um nível inferior.

**Distribuio por Regiões, em 2017, de TICs  
pelas Pessoas entre 16 e 74 anos**

Unidade: %

	Internet	Comércio eletrnico	Administrao Pública
Portugal.....	74	25	32
Norte.....	69	19	24
Centro .....	70	24	30
Lisboa .....	84	34	46
Alentejo .....	70	26	28
Algarve .....	72	23	25
R. A. Açores .....	75	28	27
R. A. Madeira .....	76	27	29

Fonte: INE.